

Em Marcha

3º Quadrimestre de 1996

A FORMAÇÃO DO NOVO TESTAMENTO

Em Marcha

A Formação do Novo Testamento

Como acontece nesta revista "Formação do Novo Testamento" o objetivo dos estudos bíblicos, aqui apresentados, é levar o estudante da Bíblia a ela de uma maneira mais profunda e abrangente.

Tércio Machado Siqueira

Em Marcha – A Formação do Novo Testamento

Publicada sob a responsabilidade do Colégio Episcopal da Igreja Metodista, através da Coordenação Nacional da Ação Docente, para adultos das Escolas Dominicais.
Registrada no DCDP do DPF, sob no. 249, P.209/73.

1996 – 3º Quadrimestre

Colégio Episcopal da Igreja Metodista

Bispo Adriel de Souza Maia, Presidente
Bispo Paulo Tarso de Oliveira Lockmann, Vice-Presidente
Bispo Geoval Jacinto da Silva, Secretário
Bispo Stanley da Silva Moraes
Bispo João Alves de Oliveira Filho
Bispo Richard dos Santos Canfield
Bispo Paulo Ayres Mattos
Bispo Rozalino Domingos

Departamento Nacional Editorial

Bispo Nelson Luiz Campos Leite

Coordenação de Produção

Mário Bueno Ribeiro

Redator "Em Marcha"

Tércio Machado Siqueira

Digitação

Mário Bueno Ribeiro

Revisão

Raquel Soares F. da Silva

Produzida sob licença da Imprensa Metodista pela EXODUS EDITORA

Projeto Gráfico e Editoração

Sérgio Paulo Braga

Capa

EXODUS

Foto

Reflexo Texto e Foto

Impressão

Imprensa da Fé

Pedidos e Correspondência

Rua Luiz Gonzaga de Barros Santos, 37

04810-030, São Paulo, SP

Tel: (011) 5666-1999

Fax: (011) 5666-5870

Apresentação

Há dois anos, eu recebia dos bispos da Igreja Metodista a incumbência de preparar um curso da Bíblia para o povo metodista, em especial. O projeto foi montado e, como resultado, foram preparadas seis revistas. Estes estudos fazem parte do projeto "recriar" a escola dominical que teria continuidade com mais duas revistas abordando o tema sobre Introdução ao Antigo e Novo Testamentos, bem como uma unidade sobre os Pais Apostólicos, incluindo estudos sobre a história das doutrinas cristãs. Sendo assim, "Formação do Novo Testamento", por hora, é a última revista deste projeto. Quem sabe, um dia este sonho tornar-se-á uma realidade.

Tenho tido muitas alegrias trabalhando neste projeto: todas as revistas editadas superaram as expectativas de vendas; foram descobertos novos e talentosos escritores; resgatou-se a boa experiência da Igreja Metodista produzir em série e usar seu próprio material, e já se pode notar que há uma nova alegria e prazer no estudo da Bíblia, a partir da escola dominical. A Igreja Metodista sempre foi elogiada, por outras igrejas, em razão do seu currículo de estudos para a escola dominical. Infelizmente, parte dos metodistas continuam procurando alimentar-se de outras fontes. A verdade é que a igreja necessita do estudo da Bíblia para orientar-se na sua missão. A igreja está para a Bíblia como o céu está para o avião. Não há como fugir a esta verdade.

Como acontece nesta revista "Formação do Novo Testamento" o objetivo dos estudos bíblicos, aqui apresentados, é levar o estudante da Bíblia a lê-la de um novo jeito. A história, a geografia e a espiritualidade do povo servem como pano de fundo para estudarmos a vida e obra de Jesus e aqueles(as) que o seguiram lealmente. O tema "formação do cânon" tem

a sua importância para a igreja por várias razões: a) destacar a fidelidade dos(as) primeiros(as) cristãos(as) na comunicação dos ensinamentos de Jesus; b) mostrar o zelo e o esforço desses(as) fiéis na luta contra as heresias; c) revelar um lado do testemunho cristão não valorizado por grande parte do cristianismo. O certo é que a Igreja é devedora de um grupo de cristãos(as) que manifestou e manifestava a sua fé, através da conservação, estudo e tradução dos antigos manuscritos bíblicos. Nesse sentido, devemos prestar a nossa homenagem a João Ferreira de Almeida, o primeiro tradutor da Bíblia para a língua portuguesa. Ele não possuía o rótulo de conservador, carismático, progressista, grande pregador ou missionário. A única coisa que podemos dizer dele é: foi um cristão humilde e fiel. Talvez seja esta a razão que pela qual não seja mencionado, homenageado e lembrado em nossos dias.

Agradeço aos pastores e à pastora que acreditaram e colaboraram para que este tema se transformasse num estímulo para o testemunho da fé.

Tércio Machado Siqueira

Redator

Nota — Infelizmente, o projeto original de "Formação do Novo Testamento" não foi possível ser completado, pois alguns escritores não realizaram as tarefas propostas. Sendo assim, o bom projeto do meu colega pastor Paulo Roberto Garcia, professor de Novo Testamento da Faculdade de Teologia, ficou prejudicado. Agradeço aos colegas e à colega que acreditaram que esta revista pode ajudar na missão da Igreja: Ely Eser Barreto César, Vice-Reitor Acadêmico da Universidade Metodista de Piracicaba, SP; Anelise Martins da Silva, aluna recomendada pela IV Região na Faculdade de Teologia e pastora acadêmica na Igreja Metodista do Brás, São Paulo, SP; Fernando César Monteiro, pastor da Igreja Metodista em Campo Mourão, Pr; Francisco Dantas de Almeida, pastor da Igreja Metodista em Boa Sorte, Barra Mansa, RJ; Paulo Lockmann, bispo da 1a. Região Eclesiástica, Rio de Janeiro; Noeme de Matos Wirth, pastora metodista em Teófilo Otoni, MG; Tércio Machado Siqueira, professor da Faculdade de Teologia, cedido pela IV Região Eclesiástica, e pastor da Igreja Metodista no Butantã, São Paulo, SP; Élerson Western O. Paula, pastor metodista no bairro Valentim, em Muriaé, MG; Josué Adam Lazier, pastor da Igreja Central de Curitiba, Pr.

Lição 1	Adriana Martins Silva	29
Lição 2	O Estando	29
Lição 3	Antes Santos da Igreja	29
Lição 4	Francisco Dantas de Almeida	30
Lição 5	Paulo Lockmann	30
Lição 6	Para que Tenhas Plena Consciência das Verdades	30
Lição 7	Noeme de Matos Wirth	30
Lição 8	Tércio Machado Siqueira	30
Lição 9	Élerson Western O. Paula	30
Lição 10	A Proclamação dos Escritos	30
Lição 11	Por Que um Cânon do Novo Testamento?	30
Lição 12	Joel Adam Lazier	30
Lição 13	Séculos 1 e 2	30
Lição 14	Joel Adam Lazier	30
Lição 15	Em Marcha	30

CENÁRIO HISTÓRICO

Este cenário histórico foi criado especialmente para mostrar que a Bíblia é muito importante na compreensão dos textos bíblicos. Quando mencionamos a Bíblia, queremos dizer toda a vida da comunidade, incluindo a sua história, política, social, além da religiosa. Não devemos ser ingênuos, a Bíblia precisa ser lida e compreendida em um contexto histórico e cultural. A Bíblia é um livro que compõe a história da humanidade, e não apenas a história da Igreja. Há muita discussão (por que não brigas?) entre os estudiosos da Bíblia. A escolha do cânon (os livros que compõem a Bíblia) é uma decisão da Igreja. A Bíblia é um livro que compõe a história da humanidade, e não apenas a história da Igreja. Há muita discussão (por que não brigas?) entre os estudiosos da Bíblia.

A Formação do Novo Testamento

O CAMPO DE FUNDO QUE PREPAROU O CRISTIANISMO

Sé Jesus foi um judeu que contava histórias e proclamava o reino de Deus em aramaico, a língua de seus pais, como esperar que o Novo Testamento tenha sido escrito por seus discípulos, originalmente, na língua grega? Acontece que a pregação e o testemunho cristãos, desde os primeiros anos, atravessaram as fronteiras da Palestina atingindo muitos povos e nações. Que língua se falava no primeiro século? Cada povo, os palestinos de Jesus inclusive, se comunicava na sua língua própria. No entanto, havia uma língua internacional usada pelas marchadoras em todas as praças dos países que formavam o Império Romano. Não era o latim de Roma mas o grego da velha Grécia. Para que todos falassem pelo menos duas línguas, as viagens, o intercâmbio de toda sorte devia ser muito intenso. Como foi possível um fenômeno destas no primeiro século, sem o rádio e a TV? A economia antiga circulava pelos impérios que se sucediam, de acordo com os interesses de nações que conseguiam acumular poder econômico e político pelos

CENÁRIO HISTÓRICO

Esta seção “cenário histórico” foi criada exatamente para mostrar que a história é muito importante na compreensão dos textos bíblicos. Quando mencionamos a palavra “história”, queremos dizer toda a vida da comunidade, incluindo a situação econômica, política, social, além da religiosa. Não devemos ser ingênuos, a ponto de pensar que a escolha dos livros que compõem a Bíblia deu-se num estalar de dedos e de modo pacífico. Houve muita discussão (por que não brigas?!), entre os primeiros cristãos (logicamente em se tratando do cânon do Novo Testamento). O importante é percebermos e reconhecermos que as discussões conciliares fazem parte da história da Igreja. A escolha do cânon (os livros que compõem a história da revelação de Deus) deu-se num clima de debates em torno da fé.

Portanto, estes quatro pequenos artigos, que antecedem as lições propriamente ditas, têm o objetivo de instruir a irmã e o irmão nos acontecimentos que estavam por trás da formação do cânon do Novo Testamento.

O PANO DE FUNDO QUE PREPAROU O CRISTIANISMO

Se Jesus foi um hebreu que contava parábolas e proclamava o reino de Deus em aramaico, a língua de seus pais, como explicar que o Novo Testamento tenha sido escrito por seus discípulos, originalmente, na língua grega?

Acontece que a pregação e o testemunho cristãos, desde os primeiros anos, atravessaram as fronteiras da Palestina alcançando muitos povos e nações. Que língua se falava no primeiro século? Cada povo, os palestinos de Jesus inclusive, se comunicava na sua língua própria. No entanto, havia uma língua internacional usada pelos mercadores em todas as praças dos países que formavam o Império Romano. Não era o latim de Roma mas o grego da velha Grécia. Para que todos falassem pelo menos duas línguas, as viagens, o intercâmbio de toda sorte devia ser muito intenso. Como foi possível um fenômeno destes no primeiro século, sem o rádio e a TV?

A economia antiga circulava pelos impérios que se sucediam, de acordo com os interesses de nações que conseguiam acumular poder econômico e político pelas

armas de poderosos exércitos. Às vésperas do tempo de Jesus, Alexandre, o Grande, da Macedônia, instituiu um grande Império que começou com a conquista da Grécia. As cidades gregas haviam desenvolvido uma cultura sofisticada, produzindo correntes de pensamento (filosofias) que se tornaram populares e viraram moda, ao mesmo tempo que as elites de todos os países se empolgavam com o teatro grego, os tratados políticos, os poemas e as histórias gregas, enfim, o modo de viver a vida “à grega”.

O Império de Alexandre contribuiu para que a mentalidade grega virasse moda e, com ela, o grego se transformasse na língua de todos os intercâmbios. Quando Otávio Augusto, 30 anos antes de Cristo, anexou o oriente (Egito, a Ásia, a Palestina etc.) ao Império Romano, a mentalidade grega e sua língua, por serem expressão de uma cultura rica, concentrada e atrativa, se consolidava. O Império tinha Roma como sua capital mas sua língua e sua mentalidade eram “helenistas”. Este período da história é chamado de “helenismo”. Foi neste contexto que a pregação cristã se desenvolveu, os livros do Novo Testamento foram escritos e passaram a circular por toda a parte, e se estruturou a tradição, a doutrina, a catequese, o culto, e a estrutura episcopal da Igreja Cristã.

Se o modo de vida era “helênico”, se a língua era grega, o Estado e seu direito eram romanos. O Império Romano, sustentado por conquistas militares e por tributos e impostos regulares, se fundou no máximo respeito possível às tradições e organização política dos povos conquistados. Herodes, por exemplo era “rei” nomeado pelo Imperador para a sua nação. Ele pertencia aos nobres hebreus e era preposto de Roma desde que atendesse aos interesses político-econômicos de suas autoridades. O templo de Jerusalém podia ser o centro religioso dos judeus com seus sacerdotes, celebrações e ritos próprios. Até o Sinédrio podia julgar pequenas causas relacionadas às tradições religiosas dos judeus. Assim acontecia com todos os povos, de modo que o domínio romano não era ostensivo, embora fosse sentido como “economicamente opressivo”. Mas o Império permitia o livre trânsito de pessoas e mercadorias, de modo que as estradas, os navios e suas rotas, e a liberdade gerada pela “Pax Romana”, reduziram as fronteiras. A definição da língua grega pelo Império, sem um sistema universal de escolas, dá uma idéia do intenso “tráfico” da época.

Se o contexto da primeira missão foi este ambiente cultural helênico e esta estrutura político-econômica romana, o cristianismo era periférico, pois surgiu numa Palestina sem peso e atrativos. A Bíblia dos primeiros cristãos foi o Antigo Testamento, na versão grega, sobretudo. Para um sírio, um grego ou um romano se tornar cristão ele ou ela tinha de passar pelas tradições hebraicas de Abraão, Davi, Isaías e Rute. Foi assim que o cristianismo se impôs, apropriando-se dos mais diferentes elementos culturais, já misturados no “caldeirão” do helenismo, circulando pelas estruturas do Império, traduzindo o aramaico de Jesus pelo grego da missão universal. Podemos até estranhar, mas foi deste modo que os primeiros cristãos de todas as nações puderam responder e adorar ao Deus de Jesus Cristo.

O MOVIMENTO DE JESUS

Jesus era um homem da vila de Nazaré, lugar de pequena importância na Palestina, que por sua vez, era uma nação de menor importância no Império Romano. Nazaré não aparece uma única vez nos relatos do Antigo Testamento, isto é, ali não aconteceu nenhum dos episódios que marcaram a memória do povo de Deus. Este fato pode ter outra explicação. Nazaré está longe das estradas que ligavam cidades com alguma importância econômica. Era uma região indigente na já pobre Palestina.

Acontece que os pesados tributos cobrados pelas autoridades do Império Romano levaram as pequenas famílias de agricultores da Palestina à perda de suas terras, as quais passaram a se concentrar em poucas mãos. Os novos proprietários administravam suas terras à distância, por meio de mordomos e administradores (Lc 12.42). As multidões que vagavam pelos campos atraídas por Jesus eram formadas por desempregados que, no máximo, procuravam algum trabalho diário, a “jornada” (Mt 20.1-15). O pobre de Nazaré vive, assim, na sua carne, a experiência de solidariedade com estes pobres errantes, que ansiavam por um movimento messiânico que sustentasse suas esperanças por mudanças. O tempo de Jesus era marcado por movimentos messiânicos que prometiam novas possibilidades de vida (cf. Lc 5.37).

Do outro lado das estruturas sociais estavam os novos proprietários de terra que moravam nas cidades, os funcionários da administração pública da Palestina ou do Império Romano, os judeus nobres que pertenciam ao Sinédrio ou ao círculo de Herodes, os Sumo-Sacerdotes, todos identificados com o templo. O templo, graças

aos impostos regulares que se recolhia de todos os judeus espalhados pelo mundo (cf. Mt 17.24-27) e graças às ofertas do culto era o principal polo econômico da Palestina. A hierarquia do templo pertencia a esta elite da região; seus funcionários se beneficiavam, de alguma forma, deste movimento financeiro.

O momento de Jesus é marcado por este terrível contraste: todo o poder se concentrava na estruturas políticas, burocráticas e militares do Império. A sangria dos tributos que sustentavam sua hierarquia e a complexa organização “internacional” era extremamente penosa para todos os segmentos populacionais que viviam na periferia do poder. Neste sentido a enorme massa de escravos vivia até em condições de sobrevivência superiores aos dos camponeses que perdiam suas terras, pois eram cuidados por seus proprietários. Na Palestina dos tempos de Jesus só se conhecia a escravidão provocada por dívida (cf. Mt 18.23-25), de modo que a miséria, em contraste com a situação das elites da própria região, era insuportável, isto é, ela era provocada por uma organização social opressiva. Neste contexto é marcante a posição histórica de Jesus: a experiência da salvação começa com a concreta experiência da misericórdia. “Ao ver a multidão Jesus teve compaixão dela, porque estava cansada e abatida como ovelhas sem pastor” (Mt 9.36; cf. Mt 14.14; 15.29-31 etc). A intrigante parábola do Juízo Final em Mateus 25.31-46 sobre a acolhida na Casa do Rei (“vinde benditos de meu Pai, recebei por herança o Reino preparado para vós antes da fundação do mundo” — Mt 25.34) é para aqueles que, movidos por uma misericórdia concreta, dão de beber a quem tem sede e de comer a quem tem fome. A proclamação da salvação, por Jesus, se dá no contexto dos “jogos sociais” de seu tempo. Por que o templo é condenado? Por que os sacerdotes e fariseus são sepulcros caiados? Por que Herodes é “uma raposa”?

Salvação, justiça e misericórdia precisam ser compreendidas no contexto da realidade social e econômica de Jesus de Nazaré, aquele que experimentou, como Nazareno, a mais aguda experiência humana de privação. Conforme os desígnios do Pai.

O PROCESSO DE REDAÇÃO DO NOVO TESTAMENTO

Os desígnios de Deus com relação à nova eleição de seu povo, muito além das fronteiras de Israel, aparecem com muita luz quando nos deparamos com o processo de redação realizada pelo povo deste novo pacto, coleção que logo ficaria conhecida

como “Novo Testamento”, ou “novo pacto”. Em primeiro lugar, quando constatamos que Jesus Cristo, a fonte principal desta nova aliança, não deixou nada escrito. Em segundo lugar, quando verificamos que o Novo Testamento nem foi escrito na língua de Jesus, o aramaico, mas na língua utilizada no processo de evangelização do mundo, o grego, isto é, a primeira tradição constituída por Jesus logo foi traduzida para alcançar o mundo. Em terceiro lugar a base original da evangelização do mundo não foi um relato tipo ata de reunião mas uma interpretação orientada por demandas missionárias, processada por representantes da segunda ou terceira geração de cristãos.

Os primeiros discípulos saíram em missão proclamando a ressurreição de Jesus Cristo logo após o primeiro Pentecostes, tão ocupados em fundar uma comunidade que expressasse a novidade daquela boa notícia (ou do “evangelho”) que não deram importância ao registro da nova doutrina ou dos novos fundamentos da fé cristã. Foi o apóstolo da segunda safra, Paulo, visando alimentar as comunidades que fundara em suas viagens missionárias, que iniciou o processo de registro. Suas inúmeras cartas, elaboradas em torno do ano 50 da era cristã, eram muito mais instrumentos para a evangelização do que documentos normativos para a nova fé. Como Paulo era reconhecido como “apóstolo-fundador” da Igreja, apesar de nunca ter sido discípulo do Jesus histórico, as igrejas que receberam suas cartas passaram a usá-las de quando em quando nos seus cultos ou, no espírito católico das novas comunidades, faziam cópias para as comunidades vizinhas se instruírem na nova fé. O único documento escrito oficial dos primeiros cristãos eram os livros do Antigo Testamento, na versão hebraica ou na tradução grega. As cartas de Paulo eram, de alguma forma, um comentário desta antiga Bíblia à luz da novidade estabelecida por Jesus Cristo. Mas até o amadurecimento da segunda geração de cristãos não havia a preocupação de fixar por escrito a nova tradição que se formava. Suspeita-se, hoje, a partir de indícios que aparecem nas próprias cartas de Paulo, que algumas delas se perderam para sempre. Isto é, a iniciativa de juntar as cartas de Paulo em uma coleção oficial para a Igreja, só ocorreu muito depois da sua morte.

Como a base da tradição é Jesus Cristo, sua vida, obras e ensino, a pregação missionária oral das primeiras décadas se valia do testemunho dos discípulos que tinham comungado de sua vida. Acontece que o objetivo desta proclamação era fazer novos discípulos e não o de fixar, em ordem cronológica, os acontecimentos da

vida de Jesus. À medida que o tempo passava, algumas comunidades iam fixando por escrito esta tradição. Há indícios de que teriam surgido dois eixos de recordações — testemunhos em torno de Jesus: os relatos de sua Paixão e uma coletânea de suas palavras ou ensino. Não temos conhecimento nem que as primeiras “coleções” foram feitas em aramaico, apesar de estudiosos suspeitarem destes vestígios na versão grega atual dos evangelhos, nem que elas tenham tido uma forma escrita.

O que sabemos é que o primeiro evangelho foi o de Marcos, muito provavelmente escrito às vésperas do ano 70, ano da destruição definitiva de Jerusalém e do templo e da liquidação, pelas tropas romanas, da comunidade judaica na Palestina, que esmagou um movimento armado, messiânico, que objetivava a libertação da Palestina do Império Romano. Este primeiro evangelho, originalmente em grego, era, como as cartas de Paulo, um instrumento de evangelização. Marcos é um relato produzido pela terceira geração de cristãos, elaborado numa das capitais do mundo antigo, provavelmente Roma, para contribuir ao despertar da fé dos gentios. Ele é resultado do modo como aquela Igreja fixara a vida e ensino de Jesus na sua pregação.

Sabemos que os evangelhos de Mateus e Lucas vieram depois porque os dois, o primeiro em uma grande Igreja do oriente, possivelmente Antioquia, e o segundo alguma das igrejas fundadas muitos anos antes por Paulo, usaram Marcos como fonte, de modo independente. Lucas chega a mencionar outras “composições” da narração daqueles fatos “antes dele e após acurada investigação de tudo desde o princípio”. Assim, pareceu-lhe bem um novo relato para consolidar a fé de um ilustre grego, Teófilo, e, por extensão, despertar a fé na sofisticada comunidade grega no mundo romano (cf. Lc 1.1-4 e Atos 1.1-2). Lucas escreve um segundo livro para registrar o movimento missionário da Igreja Cristã, de Jerusalém até os confins da terra, o livro dos Atos dos Apóstolos. É nesta obra que ficou consagrada a importância do apóstolo Paulo para todo o mundo cristão.

O evangelho de João se originou na Ásia, como resultado do cultivo da tradição em torno do presbítero João, que, certamente, pertencia ao círculo do apóstolo Paulo. O quarto evangelho surgiu já no final do primeiro século, por volta de ano 90.

Os demais escritos do Novo Testamento respondem à mesma lógica, isto é, são expressões da proclamação missionária da Igreja. O Apocalipse, por exemplo, foi escrito no final do século para sustentar os cristãos que se tornaram vítimas da per-

seguição movida pelo Estado Romano, de modo que todo o Novo Testamento, conforme os desígnios de Deus, é resultado de várias interpretações da tradição fundamental em torno de Jesus de Nazaré, utilizando-se do Antigo Testamento, do qual é comentário, de modo que, desde então, o movimento missionário da Igreja foi, antes e acima de tudo, um testemunho coletivo, para cada época e geração, em diferentes línguas, valendo-se do processo de interpretação do passado para o presente.

A DEFINIÇÃO DE CÂNON

“Cânon”, “cânones” significa norma. No caso do Novo Testamento, coleção normativa, oficial, ou, no mais importante princípio protestante definido por Lutero e aceito desde então, “nossa única regra de fé e prática”.

Já vimos anteriormente que os atuais livros do Novo Testamento foram surgindo aos poucos, como resultado do movimento missionário da segunda e terceira geração de cristãos. Cada documento foi surgindo em uma região específica do mundo, para atender a demandas imediatas da missão naquela área e numa época específica. Como todos estes documentos foram juntados para se transformar na coleção oficial e única da Igreja, compondo o “Cânon” da fé e prática cristãs?

O movimento missionário dos primeiros cristãos se expandiu por todos os países em torno do Mediterrâneo, de Alexandria e Cártago, no norte da África, até a Espanha, passando pelos países do oriente, Síria, Arábia e Mesopotâmia. Os desvios, sempre definidos como tais pelas autoridades centrais da Igreja que se iam constituindo, fossem elas Paulo, Tito, Timóteo, ou os bispos cristãos do segundo século, ameaçavam a “sã doutrina dos apóstolos”. Um dos desvios mais importantes que ocorreram já no primeiro século, foi o movimento esotérico chamado “gnosticismo”, isto é, a salvação não era resultado da prática de misericórdia e da fé, mas do conhecimento secreto do caminho da salvação. Por este “desvio”, a encarnação de Jesus foi apenas uma aparência, uma ilusão dos sentidos e sua morte outra aparência, pois Deus não morre, nem se mistura ao pecado da natureza humana.

Como estabelecer os limites da “sã doutrina”, de modo que a Igreja Cristã fosse uma, católica e apostólica, com identidade reconhecida em toda a parte? O caminho seria a construção de alguns “cânones”, como o Credo Apostólico, ou os Credos elaborados pouco mais tarde (o do Concílio de Nicéia, o do Concílio de Constantinopla),

ou, principalmente, o Novo Testamento. Naturalmente este problema se torna agudo na medida que a tradição envelhece. A tarefa foi extremamente complexa, pois quando os bispos das grandes igrejas, por volta dos anos 150 começaram a propor um “cânon”, circulavam muitos evangelhos, além dos quatro que hoje conhecemos, havia muitas cartas defendidas como oriundas das primeiras gerações. Havia, também, os escritos dos grandes bispos antigos, denominados de “pais da Igreja”, como Clemente, bispo de Roma, Barnabé, Justino etc. Qual seria o “cânon” da Igreja Primitiva?

Este foi um longo processo vivido por diferentes comunidades cristãs. No final do século 2º, o bispo Irineu defendia, em suas cartas às suas igrejas, que os evangelhos canônicos seriam apenas os quatro que hoje conhecemos. Um critério foi se impondo: os livros do Novo Testamento seriam aqueles que expressassem, direta ou indiretamente, o testemunho dos apóstolos. Os apóstolos foram os missionários dos primeiros tempos que testemunharam a ressurreição de Jesus e podiam confirmar terem sido enviados em missão pelo próprio Ressuscitado. Os primeiros discípulos, Paulo, Barnabé, foram reconhecidos como tais embora Paulo, em vida, tivesse tido esta sua condição questionada na própria Igreja.

Se o critério não era definitivo e sem discussão, foi preciso que autoridades reconhecidas no tempo destas definições afiançassem o critério. Os bispos das grandes igrejas passaram a defender, em cartas para todas as comunidades cristãs de então, suas posições. No final do processo surgiu uma polêmica que ilustra esta questão. A epístola aos Hebreus, atribuída então a Paulo, por ter um estilo oriental, especulativo, não caía no gosto dos cristãos do ocidente. A Igreja de Roma e seu bispo tinham dificuldades em aceitá-la no “cânon”. Em contrapartida, o livro do Apocalipse, que sustentou os cristãos de Roma e do ocidente nos duros tempos da perseguição era um livro naturalmente normativo para a igreja de Roma. Mas ele era muito materialista para o gosto oriental. Foi por concessões mútuas dos grandes bispos do ocidente e do oriente que, no 4º século se definiu o cânon do Novo Testamento. A definição do cânon para a Igreja do oriente foi a 39ª carta pascal do bispo Atanásio, em 367 e, no ocidente, o sínodo de Roma de 382 e os concílios africanos de Hipona em 393 e de Cártago em 397. Assim, apesar de escrito nos primórdios, os escritos do Novo Testamento que compuseram o cânon tiveram a participação crítica e o juízo de todas as comunidades durante quase 400 anos. Desígnios de Deus?



O Movimento de Jesus

EM QUE CONTEXTO SE DEU O MOVIMENTO DE JESUS?



Mc 1.16-20

segunda-feira
Mt 10.38-39

terça-feira
Mt 25.34

quarta-feira
Mt 9.36

quinta-feira
At 13.41

sexta-feira
1 Co 1.18-25

sábado
Mc 10.28-30

domingo
Mc 2.14-17

1

O movimento de Jesus é o movimento de renovação despertado por Jesus. Ele surge em meio ao conflito existente entre as estruturas sociais e dois modos de vida religiosa dos judeus da Palestina do 1º século. O conflito se dá entre o campo e a cidade, entre a cultura helenística e a judaica. O modo de vida no ambiente helênico era opressor, escravista. Da mesma forma, a liderança judaica via a prática de fé somente a partir do cumprimento de obrigações formais. Jesus vem e coloca a necessidade do povo acima da Lei (Mt 12.1-8); coloca o sábado a serviço da vida e restitui o seu sentido verdadeiro como uma instituição em favor do homem, e não obrigação escravizadora (Mc 2.27). Nesse contexto percebe-se o surgir do cristianismo, ocorrendo assim a primeira missão, missão universal.

1. O poder central (Império Romano): As autoridades do Império Romano cobravam pesados tributos dos agricultores da Palestina, levando-os juntamente com suas famílias a perderem suas terras. Esses novos proprietários de terra eram os funcionários da administração pública da Palestina, os judeus nobres, pertencentes ao Sinédrio e os Sumo-Sacerdotes. Eles moravam nas cidades e de longe administravam as suas terras através de mordomos (Lc 12.42). Beneficiavam-se dos recursos financeiros do templo. O templo se compunha da elite regional.

Jesus era de Nazaré, uma região que não era considerada de valor para o Império Romano, por ser pobre e estar longe das estradas que ligavam cidades de importância econômica. Percebemos com isto que Jesus experimentou uma vida de privação. Ele atraiu multidões desempregadas que

perambulavam pelos campos na busca de algum trabalho (Mt 20. 1-15). Essa multidão empobrecida vivia no anseio de algum dia ser sustentada as suas esperanças no sentido de haver mudanças. Também no contexto de Jesus havia movimentos messiânicos que prometiam certas mudanças de vida (Lc 5. 37).

2. A situação econômico-social na Palestina: No tempo de Jesus a Palestina estava marcada pela miséria causada por uma organização social opressiva. O povo tornou-se escravo devido às suas dívidas (Mt 18.23-25). A Palestina estava dominada por preconceitos, legalismos e tensões ideológicas. Havia uma aplicação rigorosa da lei em seu tempo. Jesus foi proibido de curar no sábado, por ser considerado o dia do descanso. Mas Jesus rompeu com isso, relacionando-se assim com os marginalizados, chamando-os para segui-los, e admitindo-os em sua companhia (Mc 2. 14-17). Jesus cura no sábado e adverte os dirigentes religiosos e políticos da época a deixarem a hipocrisia em que viviam. Esses líderes apresentavam suas idéias como se fossem o próprio Deus, suas obras não condiziam com os seus ensinamentos, e seus corações estavam distantes de Deus (Mt 15. 3-9). E além de tudo viviam indiferentes ao bem do próximo.

3. Os grupos políticos na Palestina: Dentre esses líderes religiosos e políticos estavam os fariseus que se preocupavam em cumprir a lei, sendo os mesmos religiosos e individualistas; os saduceus que representavam o poder econômico, político e religioso da nação, eram materialistas; os essênios viviam em comunidades suprimindo as suas necessidades, mas não ajudavam os que não eram do grupo; os zelotes opunham-se à cobrança de tributos e com isso ganharam a simpatia do povo; os herodianos se beneficiavam do regime de opressão (Mc 6. 21) e os samaritanos eram considerados perigosos e hereges pelos judeus.

4. Outras dificuldades: Havia no tempo de Jesus também outro tipo de opressão: o povo era levado a crer em divindades que, na verdade, os humilhava, frustrando os seus desejos de paz e felicidade. Jesus chega e anuncia o Deus que está na intimidade do homem (Mt 6. 6), um Deus misericordioso, um Deus de amor; que fortalece, que perdoa e relaciona (Lc 15. 11-32). Jesus leva o povo a arrepender-se afastando assim dos falsos deuses e a partir dessa atitude crer no Deus verdadeiro e próximo.

É nesse contexto que Jesus se compadece da multidão, que está cansada e abatida como ovelhas sem pastor (Mt 9.36; Mt 14.14; 15. 29-31 etc). Jesus traz a experiência da salvação por meio da experiência concreta do amor, da misericórdia e do compromisso a este povo carente.

ESTRUTURA INTERNA DO MOVIMENTO DE JESUS

Na estrutura interna do movimento de Jesus eram três os componentes:

1. Os carismáticos itinerantes: eram autoridades espirituais nas comunidades locais as quais os fortaleciam material e socialmente. Supõe-se que a maioria dos pregadores itinerantes prosseguiu vida andariíha, uma vida não institucionalizada, por isso vem o conceito de "carismáticos", isto é, vida incondicional, entregando sem reservas todos os seus dons à causa de Jesus. Carismático é ter um compromisso radical de vida com o Senhor.

Uma das características desses seguidores de Jesus era o comportar-se de maneira apátrida (sem pátria), abandonavam casas e terras (Mc 1.16ss; 10.28). Outra característica é a renúncia à família (Mc 10.29), pelo desejo de seguirem o "modo de vida do Senhor". Os itinerantes, apesar de serem chamados "discípulos do Senhor" (Mt 8. 21; 10.42), foram perseguidos (Mt 10.23; 23.34; At 8.1) e expulsos de muitos lugares (Mt 10.14).

Os carismáticos itinerantes eram missionários que renunciavam também suas propriedades, criticando assim a riqueza e a propriedade (Mt 10.10); anunciavam o Reino (Lc 10.5ss), não se apossavam de nada (Mt 6. 25-32). O discípulado pleno se dava pela doação de tudo que possuía como: dinheiro, alforje, bastão, calçados, vestes etc. A pobreza para eles significava missão e não um destino (Lc 16. 19-31). Confiavam na bondade de Deus, de que mesmo em meio à pobreza Deus não permitiria um missionário morrer desamparado (Mt 6.25-32).

Os itinerantes carismáticos renunciavam os meios de autodefesa, eram desprotegidos, não resistiam ao mal (Mt 5.38s), viajavam pelas estradas sem nenhum bastão. Confiavam que o Espírito Santo daria as palavras certas diante das autoridades e tribunais (Mt 10.17ss). O movimento de pregadores itinerantes foi suscitado por Jesus, apesar de Jesus não ter o interesse de fundar comunidades. Esses itinerantes foram designados de discípulos (Mt 8.21); enviados (Lc 10.1); apóstolos, profetas e mestres (Mt 10. 41; At 13.1).

Paulo e Barnabé (At 13.2) eram pregadores itinerantes, carismáticos e responsáveis pela missão. Barnabé foi um exemplo de discípulo que vendeu parte de suas propriedades para ajudar os que tinham necessidades (At 4. 36ss).

2. Os simpaticizantes: possuíam simpatia pelo movimento de Jesus, mas não eram tão radicais a ponto de abandonarem tudo como assim faziam os carismáticos itinerantes. Eram grupos sedentários – "comunidades locais", de início chegavam a apoiar Jesus em suas casas, assistindo-o materialmente (Mt 8.14; Lc 10.38).

Os simpatizantes estavam mais ligados à vida normal da sociedade, não tinham a mesma liberdade dos itinerantes diante da lei. Devido a isso, procuravam exceder a prática da justiça, (Mt 5.17ss).

Havia três problemas a serem resolvidos por eles: 1. Algumas comunidades locais cumpriam a lei detalhadamente, procuravam regulamentar a conduta como: família, profissão e do controle das vizinhanças sobre as comunidades. O templo era reconhecido por eles juntamente com seus sacerdotes através de sacrifícios (Mt 5.23); aprovavam o casamento e a família (Mc 10.22ss);

- As comunidades eram pequenas por isto eles não tinham autoridades próprias, de início, os carismáticos itinerantes eram as autoridades, mas para eles onde estivessem dois ou três reunidos não haveria necessidade de hierarquia (Mt 18.20). Quando surgia algum problema, toda a comunidade ou algum itinerante que passava exercia este papel.

- Os simpatizantes viam o batismo como essencial à pessoa que desejasse integrar-se ao movimento. Há também o caso da exclusão de uma pessoa culpada no grupo, de alguém que pecou. Dava-se de três maneiras: pelo diálogo na presença de duas testemunhas, admoestação pessoal e exclusão diante da assembléia da comunidade. Já os itinerantes afirmavam que o culpado está sujeito apenas ao juízo de Deus e não dos homens. Os itinerantes quando não eram mais aceitos pelas comunidades, ficavam sem o fortalecimento material.

Os carismáticos itinerantes e os simpatizantes, ambos receberam a sua legitimidade de Jesus.

3. O papel do “Filho do homem” (o Revelador): O movimento de Jesus expressou variados títulos quanto à pessoa de Cristo. O título Filho de Deus acentua a transcendência de Deus (Mc 1.9ss; 9.2ss); e o título de Messias que está mais ligado a este mundo, com ele vincula-se a esperança de um rei libertador.

O movimento de Jesus apresentou o caráter divino de Jesus, seu sofrimento e morte. Jesus vivia numa situação que correspondia à situação do movimento. O “Filho do homem” agiu de forma ativa desobedecendo a norma do sábado (Mt 12.8); mas também agiu de forma passiva sofrendo a rejeição dos homens, sacrificando a sua própria vida em prol dos mesmos (Mc 9.31; Mc 10.45).

O “Filho do homem” é o protagonista do novo nascimento. Ele é o personagem central. Assim como os carismáticos itinerantes, Jesus vivia acima das normas do mundo. Ele era apátrida (considerava-se cidadão do mundo) e desprotegido (Mt 8.20), foi a figura referencial central do seu movimento, porque tinha fé e prática.

O CHAMAMENTO DE JESUS

Jesus era de uma família de agricultores humildes e simples, que vivia em situação precária, desenraizada socialmente devido à crise existente na Palestina. Percebemos que da mesma maneira que Jesus e sua família, havia outras famílias desenraizadas e insatisfeitas. Muitas famílias estavam insatisfeitas com a situação estando assim dispostas a deixar o local tradicional de moradia na expectativa de encontrar uma nova vida (identidade) no judaísmo. Entre essas pessoas, estavam os discípulos chamados por Jesus.

Como podemos perceber, Jesus chama pessoas comuns, fracas, cansadas e sobrecarregadas (Mt 11.28), para serem aliviadas de seu jugo; chama pessoas simples, humildes e desprezadas para se unirem a ele e juntos anunciarem o reino de Deus (Irmãos, reparei, pois, na vossa vocação; visto que não foram chamados muitos sábios segundo a carne, nem muitos poderosos, nem muitos de nobre nascimento; pelo contrário, Deus escolheu as coisas loucas do mundo para envergonhar os sábios, e escolheu as coisas fracas do mundo para envergonhar as fortes; e Deus escolheu as coisas humildes do mundo, e as desprezadas, e aquelas que não são, para reduzir a nada as que são; a fim de que ninguém se vanglorie na presença de Deus” – 1Co 1. 26-29).

Mc 1. 16-20 narra o chamamento dos pescadores. Por sinal essas pessoas eram simples e pobres que viviam à margem da sociedade. Este episódio se dá porque Jesus provavelmente reconhecia que os mesmos não recusariam segui-lo, pois estavam disponíveis ao seu chamado. Enquanto outras recusariam diante do passo de seguirem-no radicalmente por não estarem em disponibilidade de coração (Mc 10.22; Lc 19.1ss). A exemplo disto tem-se o jovem rico (Mc 10.17-22) e alguns outros simpatizantes de Jesus que não tiveram a disponibilidade de seguirem-no radicalmente, só ficando na simpatia e nada mais.

Percebemos assim que a proposta de Jesus não era somente política-econômica-social ou cultural no sentido de conscientizar o povo da injustiça existente, mas propunha a salvação que partia do chamamento, chamamento este que manifestava seu amor e compromisso para com o Reino. A salvação não implica somente ganhar a vida eterna, mas também sentir-se liberto das amarras da opressão, do jugo impostos por pessoas, e práticas de leis injustas, enfim, de todas as cadeias do pecado.

Jesus chamou primeiramente pescadores para aderirem ao seu ministério e não os doutores, provavelmente por serem homens que sabiam o que era viver em meio às dificuldades e viver em renúncia. Estes trabalhavam na pesca durante a noite e ao

dia sob o sol. Eram homens lutadores, decididos e por isso Jesus os chama, pois era necessária uma ruptura com a injustiça, era preciso compromisso pessoal de doar-se e dedicar-se por amor à humanidade, fazendo diferença no mundo. Os doutores dificilmente cederiam ao chamado de Jesus, provavelmente não se interessariam por mudanças pois estavam seguros.

Jesus chama pessoas simples, mas sérias e comprometidas com a vida; pessoas que seguem ao seu chamado assumindo a sua condição de ser humano, trabalhador, disponível. Jesus convida os pescadores à missão universal (à pesca) (Mt 28.19). Essa pesca se daria pelo poder do Espírito Santo (At 1.8).

A MENSAGEM DO MOVIMENTO DE JESUS

A Galiléia era uma região satélite, ou seja, ela dependia de outras cidades para sobreviver. Sua situação era precária habitada por um povo na sua maioria simples, marginalizado e pobre. É nesse contexto que Jesus inicia sua missão com os seguintes apelos:

A. Resgate da dignidade humana – A escolha da Galiléia para iniciar o seu ministério é significativa. Jesus pretende com isso, resgatar a dignidade de vida humana das pessoas simples e humildes da Galiléia, através do anúncio da Boa Nova: “arrependei-vos, porque está próximo o Reino dos céus” (Mt 3.2; Lc 3. 1-9).

B. Combate aos demagogos – Como hoje, Jesus encontrou muitos líderes que usavam das Escrituras Sagradas para conseguirem poder político, religioso, pessoal e financeiro. Jesus veio desmascará-los, recuperando a verdadeira interpretação das Escrituras. O alvo maior da Bíblia é resgatar a vida íntegra, fraterna e justa para todos os seres humanos e para toda a criação – a vida boa tal como descrita nos dois primeiros capítulos de Gênesis.

C. Anúncio da Boa Nova – Jesus veio inaugurar esta nova era de mundo. Vocacionando homens e mulheres para serem missionários desse reino de Deus, pregando o arrependimento, a conversão e estimulando-os a praticarem essa vida nova.

D. Convide ao compromisso – Jesus chama pessoas ao compromisso radical; pessoas que entregam sem reservas os seus dons à causa do Senhor. O sucesso da missão sempre depende da entrega dos dons de cada um(a) seguidor(a).

Hoje na atual conjuntura em que vivemos, percebemos que a situação de alguns na sociedade não é diferente daquela vivenciada pela multidão na época de Jesus. Vivemos numa sociedade desigual em que ainda reina o império. Império este consolidado no egoísmo, na indiferença, na falta de amor ao próximo, dentre outros fatores.

O movimento de Jesus denunciava tais injustiças em todas as suas formas.

Você é convidado a refletir neste instante quanto a sua vocação. O texto de I Co 1. 26-29, o ajudará na convicção do quanto você é capaz de mudar a história em prol do reino de Deus. Visto que pessoas simples mudaram o curso da história, manifestando assim a presença libertadora de Cristo no mundo.

QUESTÕES PARA REFLETIR

1. Você pode conhecer o movimento de Jesus quanto aos seus papéis na Palestina do século 1º, isto é, acolheu os fracos, os abatidos, os cansados, sobrecarregados e desprezados levando-os a uma nova identidade de na sociedade de forma a superarem a miséria em que viviam. Com isso, experiente contextualizar esses movimentos com os prováveis movimentos existentes na nossa sociedade ou mesmo na nossa própria igreja hoje. Discuta em classe a reação dos mesmos na sociedade no que eles têm feito em prol do Reino.
2. Quais os tipos de impérios atuantes hoje em nossa sociedade?
3. Porque Jesus chamou pessoas marginalizadas, pobres?



Mt 5.2, 13-16

segunda-feira

Mt 5.1-16

terça-feira

Mt 11.7-19

quarta-feira

Mt 13.1-9

quinta-feira

Mt 3.10-23

sexta-feira

Mt 20.20-28

sábado

Mt 25.1-13

domingo

Mt 28.18-20

2

“... E, ELE PASSOU A ENSINÁ-LOS, DIZENDO:...”

Não podemos, de forma alguma, interpretar as pregações de Jesus sem perceber que o ensino fazia parte integrante de suas ministrações. Quando você começa a ler o Novo Testamento vai deparando-se com uma orientação totalmente voltada ao ensinar-aprender (leia Mt 4.23 — início do seu ministério e Mt 28.20 — após a ressurreição).

Não era interesse do Mestre expor algo meramente filosófico, com discursos empolados e, sim, de ensinar o povo a viver segundo a vontade do Pai.

À medida que as multidões iam se achegando (Mt 4.25), o ensino ia entrando em cena (Mt 5.2). Não era um ensino sem rosto, cor ou cheiro, como os escritores gregos que trabalhavam as “idéias como verdadeiras e o mundo material como sombras das idéias” (Platão); ou, como discursava Diógenes.

Os ensinamentos de Jesus não eram assim, Jesus não ensinava Filosofia, mas teologia prática. Eles eram compreendidos por todos e, de uma forma clara; eram assimilados ou rejeitados (leia Mt 11.1; 14.53-58).

Os novos seguidores vinham (Mt 11.28), aprendiam com Jesus (Mt 11.29) e deveriam sair e ensinar os outros (Mt 28.20).

A) O que ele ensinava

No texto bíblico de Mt 5.13-16, Jesus ensina os valores do reino de Deus de forma muito simples: “Vós sois o sal...” Eis aqui uma forma notável de comunicação. Todos sabiam sobre as utilidades e propriedades do sal. Na época de Jesus o sal era utilizado por todas as famílias, ricas ou pobres (como hoje). Para Jesus e os seus ouvintes, o sal além de dar sabor (dar sentido), servia para proteger o peixe e a carne da putre-

fação (sem o sal o peixe e a carne apodrecem). Ao novo seguidor, desde o início já era ensinado o seu papel: “como aquele que está nesse mundo (na terra) para conservar a vida em meio à morte”. Em um mundo que tende a apodrecer, só existe uma tarefa a ser feita: “conservar, através da mensagem do reino de Deus”.

No texto de Mt 5.14 a 16, Jesus coloca a seus discípulos um outro paralelo: “Vós sois a luz do mundo...” Todos conheciam o valor da luz e, portanto, a comparação dela com experiências humanas estimulava o pensar prático. Sem luz existem trevas, densas trevas. Em Jesus Cristo não existe treva alguma (leia Tg 1.17); quem a ele segue não anda em trevas (Jo 8.12). Quem a ele segue não vive em trevas, escondido ou com um viver de “tristemunho” cristão.

Diante do ensino do Mestre, o “abecedê” era: “vós sois o sal...vós sois a luz...” — O sal preserva e dá sabor, a luz brilha e se opõe às trevas.

B) Como aprendiam?

Diríamos que Jesus como Mestre, não foi do tipo “faça o que eu falo e não o que eu faço”; Jesus ensinava com palavras e com sua vida. Quando Jesus falou sobre a cruz (leia Mt 10.38; 16.24-25), foi para a cruz (Mt 27.32). O significado da cruz era (e é) uma aceitação total da vontade de Deus e uma rejeição (esvaziamento) daquilo que é plano humano. Nesse ponto, Jesus tipifica todo o ensino de seus ensinados na instituição da Santa Ceia (ensino visível da graça invisível); onde o pão, (representando o seu corpo) é partido e o vinho (seu sangue) é distribuído. Embora houvesse morte e morte de cruz, Cristo ensina acerca da ressurreição e experimenta-a. Notem que todos os ensinados de Jesus poderiam ter a seguinte frase “receita experimental e aprovada”.

C) Como deveriam reagir os ouvintes?

O sal poderia perder seu sabor? Não!!! A luz deveria ficar escondida? Não!!! Os alunos, assim como o Mestre, não deveriam ser ouvintes ou pregadores especulativos, mas engajados (Mt 10.5-15); tanto que as palavras finais de Jesus foram bem objetivas: “Ide, fazei discípulos... batizando-os... ensinando-os...” Não adiantava falar, era preciso viver e ensinar o que o Mestre Jesus viveu e ensinou (Mt 16.24).

"Aos Santos da Igreja..."

A IGREJA DOS TESSALONICENSES

Pouco se sabe da comunidade cristã entre os tessalonicenses. O mais importante é que a carta àquela comunidade se trata do primeiro documento do Novo Testamento. Epístola conhecida como de autoria de Paulo, Silvano e Timóteo (1Ts 1.1). Teve como objetivo orientar os santos (irmãos) de Tessalônica a respeito do ensino de Jesus, o perigo dos opositores do Evangelho, e o fortalecimento dos santos na fé. Logo, entendemos que o documento surgiu de uma necessidade pastoral. Com respeito às características de Tessalônica, era capital da Macedônia, situada no Golfo Termáico. Possuía um porto importantíssimo, tido como um centro comercial considerável. Foi fundada em 300 a.C. pelo oficial Cassandro, sob a autoridade de Alexandre Magno. Cassandro casado com a irmã de Alexandre, deu a cidade o nome de sua esposa Tessalonikée. Em 146 a.C., Tessalônica tornou-se sede do próconsul romano. Com respeito à sua população, se tratava de um povo heterogêneo: ali havia gregos e macedônios, chegaram também sírios, egípcios, italianos e judeus, sempre com o objetivo de prosperar. Como não podia ser diferente, houve em Tessalônica um aglomerado de cultos e divindades greco-latinas, orientais e egípcias etc.

DISCUSSÃO DO TEXTO – 1TS 2.17; 3.10

As duas referências bíblicas mencionadas acima, nos chamam a atenção para o fato de que Paulo, Silvano e Timóteo tiveram a preocupação com o acompanhamento (discipulado) dos novos cristãos.

Paulo, principalmente, como líder e pregador sentia-se orfanado longe dos seus irmãos, os santos de Tessalônica 1Ts 2.17. Nos dois versículos fica muito clara a preocupação



1 Ts 2.17; 3.10

segunda-feira

Rm 1.1-7

terça-feira

1 Co 1.26-31

quarta-feira

2 Co 11.16-28

quinta-feira

Gl 1.6-9

sexta-feira

Ef 2.11-22

sábado

Cl 1.3-12

domingo

1 Ts 2.17; 3.10

3

de Paulo: ir vê-los. Por que tanta preocupação com os irmãos? O que ele poderia esperar mais, ou tinha mais a ensinar aos santos da Igreja? Já afirmamos anteriormente que a carta surgiu de uma necessidade pastoral, logo, uma coisa que devemos ter em mente, é que o ensino na comunidade estava comprometido, devido aos ensinamentos opostos que também chegavam aos santos da Igreja em Tessalônica. A primeira carta aos tessalonicenses, escrita em 51 d.C., nos fala de pelo menos três forças contrárias que faziam oposição à Palavra (evangelho) que chegava até a comunidade: 1º – a pressão política e religiosa dos judeus, que segundo o próprio documento, não obedeciam o evangelho, não agradavam a Deus e eram adversários de todos os homens (1Ts 2.15); 2º – O desafio junto aos gentios, homens lascivos, munidos, incrédulos, e que não conheciam a Deus (1Ts 3.5); 3º – O próprio Satanás (adversário/tentador) que simbolizava poderes políticos e espirituais que deveriam ser vencidos pelos cristãos (1Ts 3.5-2.18).

No texto de 1Ts 3.10; também fica clara a preocupação de Paulo, quando afirma que tem orado dia e noite, com máximo empenho para vê-los e reparar as deficiências de sua fé. Que deficiências seriam estas? Na expressão do texto percebemos o duplo anseio de Paulo: 1º – ver seus irmãos novamente (cf. 1Ts 2.17); 2º – reparar a fé da comunidade. Com respeito ao ensino, ao processo de restaurar a Igreja dos santos, encontramos Paulo preocupado, primeiramente com o estado ético e moral da comunidade. O autor chama a atenção para o cuidar do corpo, que é santuário do Espírito Santo de Deus (1Ts 4.3-4; 1Pe 2.5); Pregar o amor mútuo (1Ts 4.6;9) e enfatiza a importância da santificação (1Ts 4.3;7). Num segundo momento, vê o ensino sobre a parousia (a doutrina da ressurreição) prejudicada. O ensino escatológico (a respeito da volta de Jesus) de Paulo se faz necessário e urgente, visto que os opostos tinham levado a Igreja a duvidar da ressurreição dos mortos, uma vez que os próprios tinham total falta de expectativas futuras (1Ts 4.13-18; 5.1-11). A terceira e também importante instrução de Paulo se deu com respeito à vida na Igreja (1Ts 5.12-14). Palavra esta exortativa, cheia de preceitos e imperativos que devem ser observados pelos santos.

LIÇÕES E DESAFIOS PARA A VIDA CRISTÃ

Ao analisar e concluir o nosso estudo, lembramos que o texto nos adverte para observarmos pelo menos três pontos importantíssimos na realidade da comunidade dos tessalonicenses: os opostos, o ensino comprometido e a fé deficiente. Com respeito aos opostos, devemos estar conscientes que eles sempre existirão, e que, em alguns momentos, se comportam como falsos irmãos trazendo perigos para a comunidade (2Co 11.26). Jesus, com sua infinita sabedoria, não conseguiu agra-

dar/ensinar a todos. Já o ensino, este deve ser uma prioridade em nossas reuniões, visto que Jesus mesmo nos afirmou que seremos justificados mediante o conhecimento da Palavra, ele é a Palavra (o verbo de Deus) – Jo 1.1; 3.18.

Logo, prevalece a exortação do Senhor Jesus: “Conhecereis a verdade e a verdade de vos libertará” (Jo 8.32). Com respeito à fé deficiente, entendemos que o texto de Rm 12 nos dá a orientação fundamental para uma fé consciente e verdadeira: “O culto racional” — Rm 12.1. Nossa fé não pode ser um salto no escuro, ou tampouco vivida em momentos específicos de entusiasmo e emoção. A fé consciente é marcada pela renúncia (Mt 16.24), pelo desejo de servir (Jo 13.16), e pelo novo nascimento (Jo 3.5). A fé amadurecida pelo crescimento espiritual (perfeição cristã), baseada na Palavra de Deus é aquela que nos garante que a graça de Deus nos basta, e que nos fortalece nos momentos de fraquezas, tribulações, injúrias, perseguições etc (2Co 12.7-10).

QUESTÕES PARA REFLETIR

1. Quem são os santos da Igreja hoje?
2. Numa Igreja que pensa e deixa pensar, como discernir os opositores?
3. Que importância temos dado ao ensino na Igreja?
4. Como adquirimos uma fé consciente, ou a maturidade cristã?
5. Seria possível alguém pregar a respeito da ressurreição, e não viver esta esperança?

Os Esforços para Formar o Cânon Bíblico



1 Jo 2.1-6; 12-14
Tg 1.22-24; 1 Pe 1.19-21

segunda-feira
1 Jo 1

terça-feira
1 Jo 2

quarta-feira
1 Jo 4.1-6

quinta-feira
2 Jo

sexta-feira
Hb 1

sábado
2 Pe 1.13-21

domingo
2 Pe 1.20-21

4

O QUE É CÂNON?

Cânon, palavra estranha para muitos, quer dizer simplesmente segundo o seu significado: “regra, medida”. Deste modo os livros canônicos são os que servem de regra de verdade, de fé, de norma, para se crer e praticar. A carta de Tiago é severa ao afirmar: “Tornai-vos, pois, praticantes da palavra, e não somente ouvintes, enganando-vos a vós mesmos” (Tg 1.22).

O conceito de livros canônicos segue o conceito de livro inspirado, é canônico porque é inspirado pelo Espírito Santo de Deus. A este respeito escreveu Pedro: “...sabendo, primeiramente, isto, que nenhuma profecia da Escritura provém de particular elucidação; porque nunca jamais qualquer profecia foi dada por vontade humana, entretanto homens (santos) falaram da parte de Deus movidos pelo Espírito Santo” (2 Pe 1.20-21). A própria expressão Bíblia Sagrada nos passa de modo claro um conceito de fé das comunidades cristãs, que considera a Bíblia livro inspirado, e por isso sagrado. Por isso a necessidade de definir quais eram os livros realmente inspirados. A consequência deste esforço resultou no cânon das Escrituras Sagradas: a Bíblia.

POR QUE FOI NECESSÁRIO O CÂNON?

Primeiramente, porque no final do século I e durante o século II a Igreja contemplou a multiplicação de textos no interior da Igreja, estes eram Evangelhos, cartas as mais diversas e vários escritos sobre a infância de Jesus, ademais de escritos escatológicos e apocalípticos. Sendo muitos deles absolutamente heréticos, por isso considerados apócrifos, que quer dizer literalmente – escrito em oculto, ou seja, fora da cátedra da Igreja, portanto falso. Um exemplo de escritos assim são

os Evangelhos da infância de Jesus, neles os autores visavam esclarecer o que fazia Jesus em sua meninice, um exemplo é o do Proto-Evangelho de São Tiago, contemporaneamente surgiu o Evangelho apócrifo, como é o caso do Evangelho segundo Alan Kardec, que manipula versos bíblicos para provar doutrinas espíritas de reencarnação e outras.

A preocupação de fazer frente às heresias já é percebida na motivação de vários autores canônicos, as cartas de Paulo, ou mesmo as cartas de João, a fórmula “eu vos escrevi”, usada por João, várias vezes, aponta um conceito que é o de saber quem está escrevendo, assim como o objetivo dos escritos. Paulo chega ao ponto de dizer que se alguém pregar, ensinar, e eu acrescento escrever, outro Evangelho que vá além do ensinado por ele, Paulo, seja anátema, que quer dizer maldito (Gl 1.8). Paulo é muito enfático, ao ponto de dizer, mesmo que seja um anjo vindo do céu. O pior é que há várias religiões que iniciaram porque seu líder teve uma “revelação” de anjos, como exemplo temos os Mórmons, seu fundador, Joseph Smith, dizia ter visto um anjo, o qual lhe deu um livro de ouro.

Finalmente, o cânon foi e é necessário, devido à necessidade de afirmar a coerência da Revelação de Deus, através das Escrituras. Por isso é que João Wesley no 5º artigo de religião do metodismo histórico afirma: “As Santas Escrituras contêm tudo que é necessário para a salvação, de maneira que o que nelas não se encontra, nem por elas se possa provar, e não se deve exigir de pessoa alguma para ser crido como artigo de fé, nem se deve julgar necessário para salvação. Entende-se por Santas Escrituras os livros canônicos do Antigo e do Novo Testamentos de cuja autoridade nunca se duvidou na Igreja”. Isto significou e significa que ninguém podia acrescentar outro ensinamento além do já contido nas Escrituras, e ainda nada podia ou pode ser exigido que não possa ser provado pelos escritos canônicos, e nada do que é exigido por eles como fundamento de prática e fé pode ser abolido. Assim pensava João Wesley, e isto à semelhança do que ensinaram os Apóstolos. Deve-se, no entanto, ter o discernimento entre o que é contextual e, portanto, circunstancial, do que é fundamental e definitivo, para não cairmos em fundamentalismo ignorante, que no mínimo vai exigir que as mulheres usem véu, ou mesmo que vá arrancar os olhos quando estes levarem a pecar, e isto porque o texto induz a isto.

Devemos tratar da questão da interpretação da Bíblia em outra lição.

O MOVIMENTO PELA DEFINIÇÃO DO CÂNON

Foi a partir do ano 150 depois de Cristo que a questão do cânon foi colocada formalmente em termos do Novo testamento. Pois, multiplicavam-se os apócrifos, as

"Para que Tenhas Plena Certeza das Verdades em que Fostes Instruído"

Quando uma pessoa escreve algo, ela tem pela frente um grupo alvo a quem quer atingir com sua mensagem. Cada evangelista tinha um grupo alvo pela frente. Lucas também escreve para um grupo específico. Vamos descobrir quem são seus destinatários? Onde viviam? Em que situação viviam? Quais os problemas e desafios estavam enfrentando? Qual a mensagem que o evangelista Lucas quer passar para eles?

DESTINATÁRIOS

O objetivo de Lucas, ao escrever o Evangelho de Jesus Cristo, é verificar e confirmar a solidez da fé de seus destinatários.

Sua carta é destinada a uma pessoa desconhecida por nome Teófilo (eon+filô), que quer dizer amigo de Deus, uma expressão típica do ambiente grego.

A própria obra de Lucas nos permite constatar que o autor foi um gentílico-cristão de formação helenista, cujo desejo era levar ao mundo helenista a mensagem cristã através da sua exposição da história de Jesus e dos primórdios da Igreja.

Para conhecer o mundo em que viviam os destinatários de Lucas, o Pe. Luís Mosconi faz algumas constatações que quero citar aqui:

- A palavra cidade aparece em Lucas 40 vezes, enquanto que em Mateus 26, e em Marcos 8 vezes. Cidade é uma palavra chave em Lucas. Ela é o símbolo do poder opressor. É na cidade que moram os detentores do poder (3.1-3). É a cidade de Jerusalém que mata os profetas (13.34), e o maior de todos os profetas: Jesus de Nazaré (23.1-5). É para a cidade que Jesus envia os seus discípulos (10.1-12).



Lc 1.1-4

segunda-feira
Mt 7.24-27

terça-feira
Lc 4.18-19

quarta-feira
Mt 6.6-8

quinta-feira
Os 6.1-6

sexta-feira
Dt 6.4-9

sábado
2 Tm 1.6-14; 2.15

domingo
Jo 1.1-14

5

vertentes de tradições e ênfases de diversificarem, conforme as Igrejas e homens como Marcião, um homem rico de Ponto, entrou em conflito com seu bispo, e procurou Papias de Hierapólis, como Policarpo de Esmirna, buscando apoio às suas idéias, que eram: o Antigo Testamento não deve ser usado porque procedia de um Deus vingador e irado, e isto contradizia o Deus de Jesus Cristo, Deus de misericórdia e Deus de toda consolação, nesta direção considerou que somente Paulo era um autor inspirado e seus escritos é que seriam canônicos, ou regra de fé e prática, assim como Paulo o seu discípulo Lucas podia ser considerado, os demais Apóstolos haviam adulterado os ensinamentos de Jesus. Deste modo o cânon Marcionita considerava 10 cartas paulinas e o evangelho de Lucas, e excluía as pastorais e os demais escritos do Novo Testamento.

A postura de Marcião tornou, então, urgente o movimento por um cânon realmente cristão, já que ele foi rejeitado pela maioria da Igreja. A questão passou a ser: Quais os livros realmente inspirados e por isso canônicos?

QUESTÕES PARA REFLETIR

1. É necessário ter um cânon bíblico?
2. Analisar as razões externas para se estabelecer o cânon do Novo Testamento.
3. A Igreja Primitiva teve razão por considerar Marcião um herege?

• O Evangelho segundo Lucas trata de grandes contrastes sociais. De um lado uma minoria de ricos esbanjando, do outro uma maioria de pobres mendigando, como é o caso de Lázaro, para sobreviver (16. 19-31).

• Lucas também fala muito em multidões e povo. Um povo doente (5. 15; 6. 18-19); um povo marginalizado e pecador (5.29-30); um povo sedento por justiça e um mundo novo (6. 17-18; 9. 11). Quando se insiste muito sobre a justiça é porque ela está faltando.

• Em Lucas, Jesus aparece dando uma grande atenção às mulheres (7. 11-17; 7.36-50; 8. 1-3; 8.43-56; 10.38-42). Isso revela que, na situação dos destinatários, devia haver bastante desprezo e marginalização da mulher; e ao mesmo tempo devia haver mulheres marcando significativa presença nas comunidades.

• No que se refere à religião, eram politeístas (religião em que há pluralidade de deuses). Cada cidade tinha um grande templo em honra ao padroeiro principal (cf. At 17. 16-31). Os momentos importantes da vida das cidades eram marcados por ritos e sacrifícios religiosos a divindades. Os deuses gregos viviam nas alturas (este lugar se chamava Olimpo), indiferentes à vida das pessoas.

• "Muitos adotavam religiões e cultos vindos do Egito e do Oriente. Eram chamadas de religiões de mistério por causa dos cultos secretos que praticavam e que eram abertos só aos iniciados. (...) Eram ritos estranhos, secretos, que provocavam alucinações, histerismo". Muitos também seguiam correntes de pensamentos que tiravam qualquer força de lutar, para que mudanças pudessem ocorrer. Todas estas religiões e pensamentos tinham algo em comum: esquecer a realidade, conformar-se diante das estruturas do mundo e buscar consolo em outros mundos. Matavam, assim, qualquer força renovadora e de transformação. Quem saía ganhando com tudo isto era o poder dominante do Império Romano.

• A região onde foi escrito o Evangelho segundo Lucas era fortemente dominada pela cultura grega. Esta cultura era toda uma maneira de ver, de pensar e de organizar a sociedade. Essa cultura incentivou muito a criação e organização de cidades. As desigualdades eram enormes. Os moradores das cidades desprezavam os que moravam no interior. "Os chamados homens livres controlavam a política, a economia e a religião das cidades. Os escravos atingiam a metade da população nas cidades". A base econômica do Império Romano era a escravidão, além dos pesados impostos cobrados dos povos vencidos. Era um sistema imperialista, escravagista, explorador. Para conquistar a simpatia do povo, era comum os romanos respeitarem as tradições religiosas e culturais, construírem grandes estádios para jogos gratuitos, organizarem festas populares e distribuírem comida de graça.

COMO VIVIA A COMUNIDADE

Este é o contexto em que viviam as comunidades às quais foi destinado o Evangelho segundo Lucas. Muitos membros vinham do paganismo (eram idólatras). A prática destas religiões evitava conflito com o Império Romano. Deixavam viver uma vida tranquila, sem perseguições. Muitos, antes de entrarem nas comunidades cristãs, tinham praticado essas várias religiões. Muitos pagãos convertidos ao Evangelho de Jesus Cristo tentavam até conciliar essas religiões com a novidade do Evangelho de Jesus. Porém, a adesão a Jesus implicava numa ruptura total com essas religiões e ideologias adaptadas ao sistema e ao modo de viver da época.

"Além disso havia também muitos cristãos que ficavam esperando o fim do mundo e por isso afirmavam que não era necessário preocupar-se tanto em contestar o mundo. Muitos outros cristãos ainda chegavam a pensar assim: será que essa nossa caminhada e das comunidades cristãs têm futuro? Será que vale a pena continuar seguindo a proposta de Jesus, tão radical e tão oposta ao sistema do mundo? Será que não é nada mais do que um sonho bonito? Será que não é melhor largar tudo? (Lc 24. 13-24).

Diante de tudo isso percebe-se que o momento era crítico, difícil. Era preciso confirmar e verificar a solidez dos ensinamentos de Jesus (1. 4).

Isso tudo tentava destruir por dentro e por fora a caminhada dos cristãos fiéis ao Evangelho de Jesus. Mas à medida que surgiam as dúvidas, procurava-se responder através do testemunho e de pessoas qualificadas, como algum apóstolo ou algum discípulo dos apóstolos. A palavra deles era acolhida e aceita como palavra verdadeira, fiel à mensagem de Jesus Cristo. Diante de tudo isto surge o Evangelho segundo Lucas, colocando de maneira mais organizada o Evangelho de Jesus, levando em conta toda a situação em que passavam as comunidades.

MENSAGEM (LC 1. 1-4)

A preocupação de Lucas para que a comunidade fosse instruída de forma correta levou-o a escrever e expor as verdades do Evangelho em ordem, levando a sério a pesquisa realizada e o testemunho daqueles que viram o que Jesus tinha feito. Para que ninguém tivesse dúvida, Lucas escreve no verso 4 "para que tenhas plena certeza das verdades em que foste instruído".

No verso 1, Lucas destaca os grandes acontecimentos que tiveram lugar entre os cristãos primitivos. Esses acontecimentos levaram-no a apresentar uma narrativa organizada desses acontecimentos, especialmente para o conhecimento do mundo

gentílico, conforme somos informados no verso 3. Ele escreve a um oficial romano que provavelmente era um recém-convertido ao cristianismo. Seus escritos estão baseados nas narrativas de testemunhas oculares.

No verso 2 percebemos que havia documentos escritos e muitas declarações verbais à disposição de Lucas. Paulo menciona em I Co 15 que mais de quinhentos irmãos eram testemunhas oculares da ressurreição de Jesus e de suas aparições após a ressurreição. Muitos deles continuavam vivos nos dias de Lucas. A vitória de Jesus sobre a morte foi demonstrada por acontecimentos históricos dignos de confiança, os quais foram testemunhados por muitas pessoas. Muitos tornaram-se ministros da Palavra.

No verso 3, percebe-se que Lucas achava-se especialmente capaz de melhorar e expandir a obra literária de seus antecessores. Ele conhecia pessoalmente muitas testemunhas oculares, e com algum esforço pôs-se à busca de outros. Era médico por profissão, e isso lhe dava boa medida de instrução, o que lhe propiciava a capacidade para fazer bom uso das fontes informativas. Ele narra o Evangelho da infância e os primeiros acontecimentos sobre o ministério de Jesus.

Lucas não quer só apresentar uma biografia de Jesus, mas anunciar a Boa Nova, que serve à salvação. A pregação da fé pela Igreja suscitara a fé em Teófilo. Lucas quer, através do seu escrito, dar a esta fé segurança histórica fidedigna. Nossa fé não se baseia em mitos nem em lendas inventadas, e sim, em acontecimentos históricos. Aquilo que a Igreja crê e vive tem seu fundamento em Jesus Cristo, que, em hora histórica, agiu neste mundo.

Uma das primeiras confissões da fé cristã é que **Jesus é o Senhor**. Isso significa uma realidade viva, que não pertence ao passado da história da salvação, e que não é só objeto do futuro, mas é uma realidade viva presente que se relaciona conosco, onde podemos invocá-lo e dirigir nossas orações.

Lucas também enfatiza a presença do Espírito Santo. João Batista, sua mãe e seu pai são cheios do Espírito Santo (1.15 e 67). Também o velho Simeão (2.25-27). Jesus tem a força do Espírito, é impelido pelo Espírito, exulta no Espírito (4.1, 14 e 18; 10.21). É o Espírito que deve assoprar aos discípulos o que terão de dizer em época de perseguição (12.12).

"Ora, se vós, que sois maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais o Pai celestial dará o Espírito Santo àqueles que lho pedirem?" (11.13). O evangelho segundo Lucas é o Evangelho dos pobres. Os pobres são objetos da solicitude

de Jesus: pecadores, os publicanos, as viúvas e as crianças, os ladrões, os homens e as mulheres enfermas. Os pobres são chamados de bem-aventurados (6.20) e os ricos são qualificados não de maus, mas de desventurados (6.24).

Jesus nunca se distanciou do mundo e dos sofrimentos do povo. Pelo contrário, era lá onde estava o povo sofrido que ele estava levando cura e esperança. O mundo com suas lutas e aflições foi o palco da atuação de Jesus e continua sendo o palco onde a Igreja precisa atuar. Hoje, mais do que nunca, precisamos novamente da orientação que Lucas dá a Teófilo: "para que tenhas plena certeza das verdades em que fostes instruído". Precisamos avaliar o fundamento da nossa fé, para não sermos levados por todo vento de doutrina que sopra sobre nós. Só sendo bem alicerçados no fundamento maior, que é Jesus Cristo, que podemos nos manter firmes quando os ventos adversos vierem sobre a nossa casa.

Havia correntes que pregavam que era necessário esquecer o mundo, porque este era do mal. Será que isso também não acontece hoje? Há cânticos em nossa igreja que dizem que devemos esquecer o mundo agitado. Isso não é uma forma de nos alienarmos da realidade?

A comunidade de Lucas sofria com esses ventos adversos, vindos de outras religiões. Essas correntes de pensamentos procuravam alienar os cristãos e minar sua força de luta, dizendo que o mundo é do mal e que não adianta lutar contra essas forças. Essas correntes enfraqueciam o povo em sua luta por mudanças e favorecia o Império Romano, que era tremendamente opressor.

Nos dias de hoje encontramos muitos cristãos com esta mesma mentalidade. É preciso esquecer o mundo. Como podemos nos esquecer dos milhões de famintos que vivem pelas ruas da nossa cidade, do nosso país? Como podemos nos esquecer das nossas crianças abandonadas nas ruas, sem teto e passando fome? Crianças morrendo de desnutrição enquanto uma minoria vive esbanjando? A história do rico e de Lázaro, em Lucas, se repete todos os dias em nosso país. Como podemos nos esquecer de tantos agricultores sem terra, sem um pedaço de chão para poder plantar, com tanta terra produtiva concentrada na mão de tão poucos? O que fazemos diante de tudo isso? Fechamos os olhos para não vermos? Cruzamos os braços para não fazermos nada? O que Jesus espera que façamos? Lembremo-nos daquela música de João Dias de Araújo, que diz: "Que estou fazendo se sou cristão..."

Jesus espera de nós o mesmo que ele fez. Que tratemos nosso irmão e nosso próximo com misericórdia (misericórdia é uma palavra que vem do latim e que significa "ter um coração para com a miséria alheia"). O Espírito do Senhor está a nos

Venha o teu Reino

ungir hoje para evangelizar os pobres, para libertar os cativos, para abrir os olhos dos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos e anunciar o ano da Graça do Senhor (Lc 4. 18-19).

Deus é o Deus da misericórdia. "Misericórdia quero e não sacrifício; e o conhecimento de Deus, mais do que holocaustos" (Os 6.6). Deus quer que nós usemos de misericórdia uns para com os outros. Chega de sacrifícios! O sacrifício que agrada a Deus é um espírito quebrantado e um coração contrito (Sl 51.17).

Deus quer que tenhamos mãos abertas para abençoar, mas também para amparar os fracos e, se possível, até para carregá-los.

Em Jo 1.14 Deus torna palpável a sua salvação. O verbo se fez carne, e habitou entre nós. Deus vem armar a sua tenda no meio de nós. Deus vem a este mundo na forma da encarnação, nenhuma rejeição invalida essa verdade.

Deus veio revelar-se no humano. Tornou-se fraco e vulnerável. Solidarizou-se com aqueles que sofriam. Assumiu a angústia e dores dos que sofriam. Essa humanidade de Jesus sempre causou espanto e causa até hoje. Pois sempre espera-se de Deus a demonstração do seu poder, não a fraqueza de Jesus de Nazaré que esvaziou-se do seu poder para tomar o caminho da cruz, da misericórdia, do amor. Nisso está o desafio do evangelho. Não há salvação sem misericórdia. A fraqueza de Jesus na cruz, tornou-se o poder para nos salvar.

"Para que tenhas plena certeza das verdades em que foste instruído": nós somos instruídos pelo próprio Cristo, não para nos distanciarmos do mundo, nem do fundamento da nossa fé, mas para sermos instrumentos de transformação, no mundo que Deus criou. Um mundo habitável cheio de amor e justiça.

QUESTÕES PARA REFLETIR

1. Será que existe alguma semelhança entre a comunidade de Lucas com a nossa comunidade hoje?
2. O verso 4 "Para que tenhas plena certeza das verdades em que foste instruído", é atual para nós hoje?
3. Em quê nós precisamos verificar e solidificar a nossa fé?
4. Temos preservado nossa identidade metodista, ou estamos copiando outros movimentos religiosos?
5. Comparar a comunidade de Lucas com a nossa comunidade local.



Mt 6.9b-13

segunda-feira
Mt 6.1-4; Lc 16.14-15

terça-feira
Mt 6.5-6; Is 26.20-21

quarta-feira
Mt 6.16-18; Is 58.1-12

quinta-feira
Lc 11.9-13

sexta-feira
Lc 5.33-39

sábado
Lc 7.36-50; Mt 18.21-22

domingo
Mt 6.7-14; Lc 11.1-4

6

Para quem quer estudar a oração conhecida como "Pai Nosso", em Mateus, deve iniciar olhando atentamente para o contexto literário que a oração está inserida: em Mateus, a oração interrompe uma sucessão de três instruções clássicas sobre a esmola (6.1-4), a oração (versos 5-8) e o jejum (versos 16-18).

Será que o evangelho de Mateus tinha alguma intenção ao interromper esta sucessão de instruções? O evangelho de Lucas insere esta oração num outro contexto literário. Mateus introduz a oração muito mais como um exemplo formal de uma prece. Na verdade, ele quer enfatizar o caráter disciplinar e instrutivo como é a preocupação do contexto todo. Parece que Mateus queria instruir os cristãos para não caírem nas artimanhas dos fariseus. O apelo do texto é para que não houvesse um desequilíbrio entre a prática do jejum, a oração e a esmola. Entretanto, a instrução sobre a oração é a chave para entender a tripla instrução, e nela a oração "Pai Nosso" é a demonstração maior da intenção de Jesus Cristo.

A estrutura do texto

I. Invocação 9b

A. "Pai nosso..."

B. "Santificado seja..."

II. Pedidos 10-13a

A. pela vinda do Reino 10

1. "venha o teu Reino"

2. "seja feita a tua vontade..."

B. pela situação precária do ser humano 11-13a

1. "o pão nosso... dá-nos hoje"

2. "perdoa-nos as nossas dívidas..."

3. "não nos deixes cair em tentação"

4. "livra-nos do mal"

III. Doxologia (louvor) 13b

Se prestarmos atenção nessa estrutura, vamos perceber que ela é a perfeita forma que deu origem ao nosso jeito de orar: invocação, petições e o louvor. Às vezes, há inversão na ordem, mas sem alterar a forma. Claro, guardando uma parte maior para as petições. E é nas petições que devemos concentrar a nossa atenção. Jesus suplica pela chegada do Reino onde a vontade de Deus há de prevalecer (verso 10). A seguir, Jesus passa a destacar alguns itens importantes e fundamentais na construção do Reino: o pão de cada dia (verso 11), o perdão das dívidas (verso 12) e, finalmente, a busca de forças para vencer a tentação e o mal (verso 13a). Também é bom notar a ordem das petições, pois trata-se de uma oração metódica e trabalhada em sua forma. Aqui, é interessante perceber que a súplica por pão antecede o pedido de perdão das dívidas. Ao mesmo tempo, não podemos fechar os nossos olhos para o fato de que Jesus se preocupa muito com a tentação e o mal como adversários da instalação do reino de Deus. Será que a ordem dessas quatro petições tem alguma coisa a ver com a importância, o significado e a prioridade para a nossa instrução?

ALGUMAS LIÇÕES TIRADAS DO TEXTO

Muitos comentários têm sido escritos sobre a oração "Pai Nosso". Entretanto, neles pouco se tem notado sobre a forma e a ordem das petições. Aqui a prioridade dada por Jesus está com o alimento para a população do Reino. Isso nos leva a crer que Jesus não via a possibilidade de construir o seu Reino sem se preocupar com o alimento de sua população. Aliás, a fome e a sede não fazem parte do vocabulário dos projetos de construção do reino de Deus. O livro de Salmos está repleto de exemplos como este: o povo clama a Deus em meio à sua angústia (Salmo 107.6a); o Senhor o livra (verso 6b), e o conduz ao seu destino (verso 7). Depois disso, o povo agradece a Deus por seu cuidado e bondade. A razão do agradecimento está no verso 9: Deus satisfaz a sede do sedento e encheu de boas coisas aquele que estava faminto. Em nenhum momento da história bíblica, a fome é exaltada. Pelo contrário, beber e comer são sinais e sacramentos do Reino. A memória da vida e obra de Jesus está relacionada à mesa de refeição.

O perdão vem a seguir. É a segunda prioridade para uma comunidade. Não há reino de Deus sem alimento, bem como sem concessão de perdão. Na verdade, alimento e perdão são características fundamentais, básicas do Reino inaugurado por Jesus. Ele, aqui, retoma o sentido do perdão, usado no Antigo Testamento: de um modo geral, exprime-se a idéia jurídica da remissão das dívidas. Parece que o significado religioso do termo "perdão" vem do ambiente jurídico profano. No culto, o perdão é consagrado como uma atitude básica para se obter a vida plena de uma co-

munidade. Assim, confundir o significado de dívida com o de pecado, não é cometer engano (leia Mateus 18.32). Mas a mais importante dimensão do perdão, aqui, é o aspecto comunitário: quem pede perdão deve estar disposto a perdoar os seus devedores. E Jesus trabalhou muito este aspecto entre os seus discípulos (Mt 18.23-35 etc).

Por fim, vem a súplica de força para vencer a tentação e o mal (verso 13a). Após a exigência de pão e perdão, vem o duplo pedido de ajuda. O texto aponta para o sentido que é Deus quem conduz o seu povo. Para o nosso melhor entendimento, ele não quer pedir, para o povo, vida tranqüila e nem completa autonomia de decisão. A súplica de Jesus parte do princípio que existe a tentação e o mal, como adversários, procurando impedir o povo de Deus de avançar. Aqui, Jesus quer mostrar que a tentação é adversária, é enganadora, desarticuladora, divisionista do povo de Deus. A tentação aproveita a fraqueza momentânea do povo para causar divisões nele. Aqui, é bom lembrar que povo bem alimentado é povo forte diante das tentações. Povo sem dívida é povo sem medo e complexos das tentações e dos males. O verso 13b justifica toda essa audácia dos cidadãos do reino de Deus; este Reino pertence a Deus; o poder dos cidadãos vem de Deus, e sua companhia é pelos séculos dos séculos.

QUESTÕES PARA REFLETIR

1. O que a oração "Pai Nosso" nos ensina?
2. O fato da súplica do pão anteceder ao pedido de perdão da dívida tem algum significado para a construção do reino de Deus?
3. Discutir sobre a importância do perdão na vida do lar, da Igreja e da comunidade em geral.

"E Sereis Minhas Testemunhas..."

— Atos dos Apóstolos



At 11.19-26

segunda-feira
Mt 28.16-20

terça-feira
Mt 24.1-14

quarta-feira
Lc 24.36-48

quinta-feira
Jo 20.19-23

sexta-feira
At 1.1-14

sábado
At 6.8-15

domingo
At 7.1.51-56



Dentro do contexto da "Formação do Novo Testamento" é muito importante refletir sobre o papel do livro de Atos dos Apóstolos que registra o movimento missionário da recém-nascida Igreja Cristã.

Não é necessário ser um excelente pesquisador bíblico ou um versado exegeta para perceber a estreita ligação entre o livro de Atos e o evangelho de Lucas. Embora a tradição antiga, formadora do cânon, tenha incluído o Evangelho de João entre ambos, a conexão entre Atos e Lucas é facilmente identificada. Desde a introdução ou prólogo do livro de Atos, ele já se apresenta como o segundo volume de uma obra, cujo primeiro volume é o livro de Lucas (At 1:1). Ambos os livros têm o mesmo "endereço". Eles não hesitam em identificar o autor dos livros como sendo Lucas, médico, companheiro e amigo do apóstolo Paulo (Cl 4.14; 2Tm 4.11; Fm 1.24).

Essa ligação entre os dois livros, no entanto, é bem mais que uma ligação literária somente. Percebe-se que há uma unidade de propósitos entre os dois escritos. Se no primeiro, Lucas objetiva repassar os ensinamentos de Jesus para a comunidade, no segundo, escreve sobre a história do nascimento da Igreja e os principais fatos ocorridos nos seus primeiros anos. Desta forma, Lucas descreve a história do nascimento da Igreja como continuação histórica do ministério de Jesus, ou seja: a Igreja surge porque a comunidade pratica e propaga a fé no Cristo que ressurgiu (At 2.32). A Igreja é fruto do compromisso missionário daqueles que sabiam ter a responsabilidade desse testemunho (Lc 24.36, 46-49).

Após a descida do Espírito Santo, no dia de Pentecostes (At 2.1-4), os discípulos começaram a testemunhar com poder do nome do Senhor (At 2.5-11, 14, 32-37), a manifestar

um maravilhoso estilo de vida (At 2.42-47) e a comunidade dos discípulos passou a crescer de forma vertiginosa: de 120 no cenáculo para 3000, já no primeiro sermão (At 2.41-42); para 5000 (At 4.4), para uma grande multidão (At 5.14) de forma que, com a multiplicação dos discípulos (At 6.1, 7; 9.31) e o crescimento das igrejas (At 16.5), em alguns anos já eram "milhares entre os judeus os que haviam crido" (At 21.20).

O fator primordial que se apresenta como a fonte desse testemunho tão eficaz dos primeiros cristãos foi a presença dinamizadora do Espírito Santo (At 1.8), capacitando os cristãos a fazerem a missão de forma ousada e corajosa. Alguém já disse que o livro de Atos dos Apóstolos poderia também ser chamado de "Atos do Espírito Santo".

Mas parece que até o cap. 7 do livro de Atos, o testemunho dos discípulos estava restrito a Jerusalém. Após a morte de Estevão, a Igreja foi "forçada" a testemunhar em outros lugares. A preocupação das autoridades da época com esse movimento "revolucionário" que levava os discípulos a afirmar o senhorio do Cristo ressurreto até as últimas consequências, logo se tornou num grande motivo de perseguição (At 8.1). Foi como um "empurrão" para que a Igreja, agora dispersa, testemunhasse de Cristo "por toda parte" (At 8.4) e não apenas em Jerusalém. Um sinal de alerta de que o propósito de Jesus de alcançar todas as nações (Mt 28.19) deveria ser cumprido a qualquer preço. Através do martírio de Estevão compreende-se que o Senhor da história pode usar circunstâncias mais diversas e até as adversas, para convencer a Igreja da necessidade do testemunho simultâneo "...tanto em Jerusalém, como em toda a Judéia e Samaria e até os confins da terra" (At 1.8).

A própria divisão do livro de Atos, proposta por alguns exegetas e que corresponderia a este sumário de At 1.8, já esclarece quanto a expansão do testemunho da Igreja: os sete primeiros capítulos, até o 8.1 inclusive, nos apresentam o testemunho em Jerusalém; o testemunho na Judéia e Samaria é assunto dos capítulos 8 a 12; e do capítulo 13 até o fim do livro, vê-se o testemunho até os confins da terra. O texto básico dessa lição (At 11.19-26) está incluído nesse segundo bloco.

Todas as evidências apontam para o fato de que até a fundação da Igreja em Antioquia, narrada pelo texto em foco, os esforços missionários da Igreja estavam centrados na evangelização dos judeus. Teria sido somente a partir de Antioquia que os cristãos judaico-helenísticos, que deixaram Jerusalém após a morte de Estevão, começaram a falar a não-judeus.

A partir do verso 21 o texto mostra que muitos se converteram ali em Antioquia, notícia essa que rapidamente chegou aos ouvidos da Igreja em Jerusalém que resolveu enviar um "observador" para ver o que estava acontecendo por lá. A atitude de Barnabé, homem bom, cheio do Espírito Santo e de fé (verso 24) talvez tenha sur-

A Proliferação dos Escritos

INTRODUÇÃO

Na história da formação, redação, seleção e coleção dos livros do Novo Testamento, nós observamos duas coisas: 1º) Este processo passou por algumas etapas; 2º) Personagens e tendências formaram o eixo central dos livros escritos. Devemos informar no início deste estudo que além dos 27 livros que compõem o Novo Testamento, muitos outros foram escritos. Estes outros livros são chamados de apócrifos e foram produzidos por uma determinada tendência que estava inserida na Igreja Primitiva e para atender ao interesse do povo por alguns personagens. Por exemplo: Um livro apócrifo chamado de Protoevangelho de Tiago conta a história do nascimento de Maria.

Apócrifos: Esta palavra significa escondido, secreto, oculto. Os livros receberam este nome porque foram considerados não inspirados e, portanto não tinham autoridade “canônica” para serem usados pelas Igrejas. (Há uma relação de livros apócrifos do Novo Testamento no final desta lição).

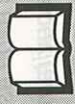
AS ETAPAS SÃO ASSIM IDENTIFICADAS:

1ª Etapa: Etapa das palavras e atos de Jesus

Esta primeira etapa compreende as Palavras e os Atos de Jesus Cristo. Jesus não escreveu nada. A única informação de que Jesus teria escrito alguma coisa está no episódio com a mulher acusada de adultério. Enquanto os acusadores decidiam o que fazer, Jesus escrevia na areia.

Esta etapa foi marcada pelo anúncio da chegada do reino de Deus e a preparação dos discípulos para a continuidade deste Reino inaugurado por Jesus. Para isto, Jesus disse

Em Marcha 45



1 Co 15.3-5
Mt 28.18-20

segunda-feira
Mt 28.18-20

terça-feira
1 Co 11.23-27

quarta-feira
Mt 26.26-29

quinta-feira
Lc 1.1-4

sexta-feira
Jo 3.11-21

sábado
At 2.14-36

domingo
Jo 21.24-25

8

preendido os cristãos judeus mais nacionalistas. Ele chegou, viu a Graça de Deus e se alegrou (verso 23). Barnabé não teve dúvida alguma do valor da obra que estava sendo realizada ali, resolveu tomar parte nela e ainda buscou a Paulo em Tarso para colaborar (versos 25-26).

Não há, portanto, dúvida alguma que a formação da Igreja em Antioquia foi de suma importância para a expansão da Igreja e principalmente a sua missão entre os gentios. Ela é como um “divisor de águas”; estava na vanguarda de uma evangelização que alcançaria todo o mundo da época. Isso, sem contar que ali em Antioquia o testemunho da Igreja chegou ao ponto máximo de sua expressão: uma identificação tão profunda com Cristo que levou os discípulos a serem chamados de cristãos pela primeira vez (verso 26).

No livro de Atos, portanto, o Cristo que atuou brilhantemente no seu ministério (tal qual descrito pelo Evangelho de Lucas) atua agora através dos apóstolos e de cada cristão. É a legítima continuidade da história e do ministério de Jesus. Para os cristãos de hoje, um lembrete eloquente de que essa história não acabou. A luta por “alcançar as nações” com a mensagem das boas novas ainda continua. O livro de Atos continua sendo escrito através das atitudes de cada cristão. Atos insiste que ainda hoje, Jesus espera que os cristãos cumpram o seu papel de testemunhar à sua geração até que o Reino venha.

QUESTÕES PARA REFLETIR

1. Foi necessária uma perseguição desencadeada pelo martírio de Estevão para que a igreja saísse das “quatro paredes” de Jerusalém para testemunhar. O que esse fato nos ensina? De que forma nos alerta e nos incentiva à missão?
2. A igreja descrita em Atos experimentou um espantoso crescimento. A seu ver, qual era o “segredo”? Qual a relação entre o testemunho pessoal dos cristãos e o crescimento (ou ausência dele) nas igrejas hoje?
3. O Espírito Santo teve papel preponderante na vida daquela igreja. De que forma podemos permitir que o Espírito Santo trabalhe mais em nós, conosco e através de nós?
4. Os discípulos foram chamados de cristãos pela primeira vez em Antioquia. Se os cristãos de hoje tivessem de ser denominados, caracterizados, como acha que seriam chamados?

muitas coisas e fez muitas outras. O Evangelho de João diz que não foi possível escrever-se tudo o que Jesus disse e fez, pois não caberia no mundo os livros necessários (Jo 21.25). Isto quer dizer que nem tudo o que Jesus fez e disse foi registrado por escrito.

2ª Etapa: Etapa da coleção das tradições sobre Jesus

Esta época compreende o período em que os discípulos não possuíam nada escrito sobre as palavras e atos de Jesus. Eles têm na memória o que viram e ouviram. Nem tudo puderam guardar, mas conservaram as coisas mais importantes para eles e para as igrejas que começaram a ser fundadas.

Entre estas coisas mais importantes estavam: 1. o evento pascal, ou seja, a morte e ressurreição de Jesus; 2. as palavras de Jesus e os milagres realizados e que eram os sinais do reino de Deus. Nesta época, os discípulos foram juntando os pedaços conservados entre o povo e formando assim o conteúdo das Boas Novas.

Nesta etapa os discípulos reproduziram as palavras e os atos de Jesus por onde andavam. Três características ficam evidentes neste trabalho de transmissão por parte dos discípulos de Jesus:

- os discípulos pregam anunciando Jesus Cristo ressuscitado e como caminho de salvação para judeus e gentios – Lc 1.1-4; Jo 3.11-21; At 2.14-36; 1 Co 15.3-5; etc.
- os discípulos comemoram a ressurreição de Jesus nas reuniões públicas, especialmente na santa ceia – Mt 26.26-29; 1 Co 11.23-27; etc.
- os discípulos ensinam os novos convertidos, o que possibilita a preservação e a transmissão para outras gerações – exemplos: os 5 sermões em Mateus (veremos a seguir); Cartas de Paulo; etc.

3ª Etapa: Etapa da redação dos livros do Novo Testamento

Esta é a época em que o material conservado na memória dos discípulos, e transmitido de forma oral, começou a ser “fixado” por escrito. Cada autor descobriu na sua comunidade ou grupo um aspecto diferente da vida e do ensino de Jesus. Uma vez selecionada as fontes, os escritores começaram o trabalho de compilar e redigir. Isto foi feito em períodos diferentes e lugares diferentes.

Estes 27 livros do Novo Testamento e em torno de outros 40 apócrifos, começaram a circular entre as Igrejas como manuais de leitura e de ensino. Nas próximas lições será estudado o processo de seleção daqueles que seriam considerados inspirados por Deus e formariam o nosso Novo Testamento.

REDAÇÃO DOS LIVROS DO NOVO TESTAMENTO

– 1 Co 15.3-5 e Mt 28.18-20

A redação final dos livros foi realizada pelos cristãos das 2ª e 3ª gerações. Até então havia somente a tradição oral em vários lugares. Nestes ambientes onde a missão desafiava os grupos cristãos, os documentos do Novo Testamento foram sendo redigidos para atender a demanda que havia naquele lugar e preparar os cristãos para a evangelização e o discipulado.

A tendência ou característica dominante destes documentos nós tiramos dos dois textos bíblicos destacados na lição.

Em 1 Co 15.3-5 nós encontramos um texto que é considerado um dos mais antigos do Novo Testamento, chamado de Querigma Primitivo. Querigma quer dizer pregação. Este texto apresenta um esboço da pregação dos apóstolos, cujo eixo principal é Jesus Cristo que nasceu, morreu crucificado e ressuscitou ao 3º dia. Com base neste esboço o Evangelho era pregado e os livros, sobretudo os Evangelhos, foram redigidos. Portanto foram escritos fixando para as comunidades cristãs da época as palavras e atos de Jesus consideradas fundamentais pelos grupos que escreveram os diversos documentos que nós temos no Novo Testamento. Um exemplo: O Evangelho de Marcos foi escrito como um manual de evangelização, para ser usado pela Igreja que ficava na cidade de Roma, provavelmente. O objetivo do Evangelho de Marcos era despertar a fé dos gentios. E assim acontece com os outros Evangelhos, Atos, Cartas e Apocalipse.

Mt 28.18-20 trata-se de um texto que contém as palavras de Jesus endereçadas a seus discípulos, enfatizando a Missão dos cristãos: Ir (evangelizar), Batizar (fazer novos discípulos) e Ensinar (as palavras e atos de Jesus). Este texto indica a preocupação dos grupos que redigiram o Novo Testamento em conservar os ensinamentos de Jesus que tinham autoridade para fazer novos discípulos. Um exemplo é o Evangelho de Mateus que conservou a tradição dos sermões de Jesus e escreveu seu evangelho em torno de cinco grandes discursos de Jesus:

1. Caps. 5-7 – Sermão da Montanha
2. Cap. 10 – Discurso Missionário
3. Cap. 13 – Discurso Parabólico
4. Cap. 18 – Discurso Eclesiástico
5. Cap. 23-25 – Discurso Escatológico

Um especialista em Novo Testamento (T. Manson, O Ensino de Jesus, ASTE) fez uma estimativa das palavras de Jesus, e seus ouvintes, contidas nos quatro Evangelhos, chegando ao seguinte resultado:

- 49,7% das palavras são dirigidas aos discípulos
- 25,8% das palavras são dirigidas às multidões
- 24,5% das palavras são dirigidas às autoridades

Esta pesquisa demonstra uma tradição que deu ênfase nas palavras de Jesus, especialmente as dirigidas aos discípulos. A intenção é clara: preparar a igreja nascente para dar continuidade ao ministério de Jesus e dos primeiros apóstolos, de maneira a chegar até “os confins da terra” com as Boas Novas do Evangelho de Cristo. Para isto, a preparação dos novos convertidos era de fundamental importância, como o foi para Jesus a preparação de seus discípulos.

Estas duas foram as principais tendências e preocupações dos escritores bíblicos do Novo Testamento e que a seleção do material primitivo que fizeram tinha por objetivo fundamentar a pregação da Igreja na época e preparar os novos cristãos para o desafio da missão e do testemunho.

CONCLUSÃO

Como vimos, além dos 27 livros que nós temos no Cânon do Novo Testamento, outros (em torno de 40) também circulavam pelas Igrejas da época. Isto levou os líderes cristãos a determinar um Cânon e estabelecer os livros considerados “inspirados” por Deus e úteis para a Igreja. Este foi um processo lento e complexo, que durou muitos anos. Esta última etapa será estudada nas lições seguintes.

Por ora, queremos destacar este processo de seleção, formação e redação dos escritos bíblicos do Novo Testamento, delimitando sua principal função para a Igreja Primitiva, que era a de conservar as tradições que apontavam para o reino de Deus e preparar a Igreja na época para a missão.

Relação de alguns livros apócrifos:

1. Evangelhos: Evangelho segundo os Hebreus; Evangelho dos Egípcios; Evangelho dos Ebionitas; Evangelho de Pedro; Protoevangelho de Tiago; Evangelho de Iho de Tomé; Evangelho de Filipe; Evangelho de Bartolomeu; Evangelho de Nicodemos; Evangelho de Gamaliel; Evangelho de Verdade.
2. Epístolas: I Clemente; As sete Epístolas de Inácio; A Epístola de Policarpo aos Filipenses; a Epístola de Barnabé.
3. Atos: Atos de Paulo (e Tecla); Atos de Pedro; Atos de João; Atos de André; Atos de Tomé.
4. Apocalipses: Apocalipse de Pedro; Pastor de Hermas; Apocalipse de Paulo; Apocalipse de Tomé; Apocalipse de Estevão.
5. Manuais de Instrução: Didaquê ou o Ensino dos Doze Apóstolos; II Clemente; Pregação de Pedro.

QUESTÕES PARA REFLETIR

1. O que é Querigma Primitivo?
2. Leia um dos sermões de Pedro no livro de Atos dos Apóstolos e identifique o esboço do Querigma Primitivo, conforme o texto estudado de 1 Coríntios.
3. Leia um dos sermões de Mateus e destaque uma lição de Jesus para seus discípulos.

Por que um Cânon do Novo Testamento?



1 Co 3.11

Ef 2.19-22

segunda-feira
Ef 2.19-22

terça-feira
Tt 1.1-16

quarta-feira
Tt 2.1-3.15

quinta-feira
Jd 1.1-25

sexta-feira
2 Jo 1.1-13

sábado
3 Jo 1.1-15

domingo
1 Co 3.11



Os escritos cristãos circulavam livremente pelas comunidades cristãs. Não havia ainda uma determinação sobre quais dos livros eram fundamentais para a fé dos cristãos. Alguns livros eram mais valorizados em um lugar, outros em outros lugares, e assim por diante. Essas preferências por alguns foi criando coleções. Um exemplo disto nós encontramos em **2Pe 3.15-16** que faz referência a uma certa coleção de cartas escritas pelo apóstolo Paulo.

Este foi o início da definição do Cânon do Novo Testamento. Os primeiros passos foram dados pelos líderes da Igreja chamados de Pais da Igreja. Nesta lição vamos conhecer estes primeiros passos, as coleções e as declarações dos Pais da Igreja, bem como ver porque foi necessária a determinação de um Cânon. Lembrando que Cânon significa oficial. No caso do Novo Testamento significa uma coleção oficial de livros e única regra de fé e de prática.

POR QUE UM CÂNON DO NOVO TESTAMENTO?

Como vimos na lição anterior, os textos bíblicos foram escritos tendo por base o "Querigma Primitivo", que era o esboço da pregação dos apóstolos e tradição das palavras de Jesus que foram conservadas em vários lugares.

Como havia muitos livros circulando livremente pelas igrejas e sendo que alguns destes livros não apresentavam um conteúdo que pudesse ser fundamentado na pregação dos apóstolos, apresentando inclusive uma "teologia" contraditória e que contribuía apenas para polemizar e confundir os cristãos, os Pais da Igreja começaram em seus respectivos lugares a selecionar alguns destes livros.

A preocupação dos Pais da Igreja era a mesma que o apóstolo Paulo demonstrou nas cartas ao Coríntios e aos

Eféios. No texto de **1Co 3.11** Paulo está tratando exatamente deste assunto: outro fundamento sendo lançado na igreja. Nesta época este "outro conteúdo" não era escrito ainda, mas sim falado por líderes que entravam nas igrejas e apresentavam outro evangelho. Paulo é enfático: ninguém pode lançar outro fundamento além do que já foi posto: Jesus Cristo. Na carta aos **Eféios**, especialmente o texto de **2.19-22** Paulo é mais claro ainda: ele delimita este fundamento: dos apóstolos e dos profetas, do qual Jesus Cristo é a pedra principal (v.20). Paulo demonstra esta preocupação em todas as suas cartas, pois adverte seguidamente sobre os falsos mestres. Os falsos mestres eram os que colocavam outro fundamento.

Como os anos foram passando e a igreja primitiva crescendo, os apóstolos e seus discípulos começaram a fixar por escrito o que haviam recebido de Cristo e da tradição cristã. Os outros fizeram o mesmo. Agora os "outros fundamentos" circulavam também por escrito. Alguns deles ganharam grande evidência dentro das comunidades cristãs. Vamos mencionar um exemplo: uma doutrina chamada de gnosticismo ganhou predominância em algumas comunidades. Era um outro fundamento colocado sobre o dos apóstolos. Gnosticismo era um desvio na doutrina cristã, que afirmava que a salvação era alcançada pelo conhecimento secreto do caminho da salvação e não pela prática de misericórdia e da fé em Cristo Jesus. Esta doutrina negava a encarnação, morte e ressurreição de Jesus. Para confrontar este desvio que estava criando confusão nas igrejas, a carta aos Colossenses é escrita tratando deste assunto e exaltando a pessoa de Jesus Cristo: **Cl 1.15-20**. Além de Colossenses outros textos foram escritos pelos apóstolos e seus discípulos tratando do deste e de outros assuntos.

Este foi o problema enfrentado pelos Pais da Igreja: muitas doutrinas não fundamentada na pregação dos apóstolos estavam circulando em forma de livros e cartas com o nome dos apóstolos, embora não escritos por eles. Entre estes livros havia os com conteúdo até de ficção, sendo pura invenção.

Vamos citar alguns exemplos de livros com conteúdo falso para a fé cristã, além do gnosticismo já mencionado:

1. Protoevangelho de Tiago — conta a história do nascimento de Maria.
2. A Paixão de Jesus — fala da descida de Jesus aos infernos.
3. Evangelho de Tomé — contém declarações atribuídas a Jesus mas que não encontram paralelo nos evangelhos.
4. Evangelho de Pedro — este é um texto gnóstico. Usa o nome de Pedro para ganhar espaço nas igrejas.
5. Evangelho dos Egípcios — apresenta um diálogo entre Jesus e Salomé. Também foi usado pelos gnósticos.

(Para os interessados em aprofundar este assunto a Editora Vozes está publicando uma série de livretos apresentando estes livros apócrifos. A coleção intitula-se: *Bíblia Apócrifa*)

Alguns livros considerados apócrifos dão algumas informações adicionais sobre a Igreja Primitiva e podem ser úteis para os estudantes do Mundo do Novo Testamento. Por exemplo o *Didaquê — Instrução dos Doze Apóstolos*. Este livreto dá a idéia de como era feita a preparação dos novos convertidos na igreja primitiva.

AS PRIMEIRAS COLEÇÕES DE LIVROS DO NOVO TESTAMENTO

Vamos fazer uma relação resumida das principais coleções de livros do Novo Testamento, que criaram o embrião daquilo que viria a ser o Cânon do Novo Testamento.

1. Marcião do Ponto, um herético, rejeitou todo o Antigo Testamento e criou um cânon formado pelo Evangelho de Lucas e por dez Cartas Paulinas (ficaram de fora 1 e 2 Timóteo e Tito).

2. Por volta do ano 200 d.C. Irineu, na Ásia Menor, conhece e recomenda os quatro Evangelhos (Mateus, Marcos, Lucas e João), Atos dos Apóstolos, as Cartas Paulinas com exceção de Filemon, 1 Pedro e 1 e 2 João.

3. Também neste período Tertuliano, no ocidente, usa os quatro Evangelhos, Atos, as 13 Cartas de Paulo, 1 Pedro, 1 João, Judas e Apocalipse.

4. Ainda no século II da era cristã, Clemente da cidade de Alexandria, menciona os quatro Evangelhos, as 13 Cartas Paulinas, Hebreus, 1 Pedro, 1 e 2 João, Judas e Apocalipse. Menciona também os apócrifos: Epístola de Barnabé, Apocalipse de Pedro, 1 Clemente, Didaquê, Pastor de Hermas, Evangelho dos Hebreus e Evangelho dos Egípcios. Como fica evidente, Clemente não tem uma delimitação muito precisa dos livros canônicos, pois mistura-os com os apócrifos.

5. O mais importante documento a respeito do Cânon do Novo Testamento surgiu em torno do ano 200 d.C. Trata-se do Cânon Muratoriano. Ele apresenta os quatro evangelhos, Atos, as 13 Cartas de Paulo, Judas, 1 e 2 João, Apocalipse e o apócrifo Apocalipse de Pedro. Mas a grande contribuição desta Cânon foi ter estabelecido os critérios para a canonicidade dos livros. Isto vai ser assunto de uma das próximas lições desta revista.

6. A partir do século III da Era Cristã, algumas coleções foram sendo formadas pelas principais igrejas. A Igreja Grega não possuía ainda uma clara delimitação, mas dividiu os livros que eram usados em 3 grupos:

1º) Livros que deveriam ser utilizados: quatro Evangelhos, 13 Cartas Paulinas, 1 Pedro, 1 João, Atos e Apocalipse.

2º) Livros controversos: 2 Pedro, 2 e 3 João, Hebreus, Tiago e Judas.

3º) Livros considerados falsificados (atribui-se falsamente a autoria a um dos apóstolos): Evangelho dos Egípcios, Evangelho de Tomé, Evangelho dos Basílicos e Matias.

7. Esta classificação foi reformulada por Eusébio no IV século, ficando assim estabelecida:

1º) Livros que deveriam ser utilizados: quatro Evangelhos, 13 Cartas Paulinas, Hebreus (atribuída a Paulo), 1 Pedro, 1 João e Apocalipse.

2º) Livros controversos: 2 Pedro, 2 e 3 João, Hebreus, Tiago e Judas.

3º) Livros considerados falsificados (atribui-se falsamente a autoria a um dos apóstolos): Atos de Paulo, Pastor de Hermas, Apocalipse de Pedro, Carta de Barnabé e Didaquê.

Para a Igreja Grega um importante documento estabeleceu uma delimitação mais precisa do Cânon. Trata-se de uma Pastoral do Bispo Atanásio de Alexandria onde ele delimita uma relação dos livros considerados canônicos: Mateus, Marcos, Lucas, João, Atos dos Apóstolos, as 13 Cartas Paulinas, Hebreus, Tiago, 1 e 2 Pedro, 1, 2 e 3 João, Apocalipse e Judas. Portanto os 27 livros que finalmente vieram a compor o Cânon do Novo Testamento.

8. A Igreja Latina estabeleceu a mesma coleção da Igreja Grega. A Igreja na Síria, por sua vez, delimitou apenas 22 livros: quatro Evangelhos, Atos dos Apóstolos, 13 Cartas Paulinas, Hebreus, Tiago, 1 Pedro e 1 João.

O Cânon ainda não estava definido. O trabalho teria continuidade. Qual foi o critério usado pela igreja para chegar ao resultado final do Cânon do Novo Testamento? Este será o assunto de uma das lições desta revista — o fechamento do Cânon.

"Sê Fiel até a Morte e Dar-te-ei a Coroa da Vida"

CONCLUSÃO

Vimos nesta lição os primeiros passos para o estabelecimento de um Cânon. Foi necessário isto para preservar a tradição das palavras e atos de Jesus, bem como a pregação dos apóstolos que tinha o objetivo de divulgar a mensagem das boas novas e apontar o caminho da salvação para judeus e gentios.

Como havia muita "movimentação" de cartas e livros que pregavam a mensagem cristã, mas muitos que nada tinham de cristãos, foi necessário precisar quais deveriam ter autoridade para as comunidades cristãs. Agora cabe uma pergunta: estaria Deus por trás de todo este processo? Concluímos que sim. Os autores bíblicos não escreveram para que seus livros fossem incorporados num Cânon. Não sabiam que isto iria acontecer. Deus estava inspirando-os a fixarem por escrito a tradição cristã. Deus também dirigiu e inspirou a Igreja a buscar uma delimitação para os livros que teriam autoridade canônica para a igreja. O processo foi lento e demorado porque eram pessoas fazendo este trabalho. Mas durante o processo podemos dizer que houve uma "depuração" dos livros, até que, finalmente, chegou-se a um resultado como fruto do trabalho de muita gente.

2. Por volta do ano 200 d.C. houve a reunião dos quatro Evangelhos (Mateus, Marcos, Lucas e João) e a formação do Cânon do Novo Testamento.

QUESTÕES PARA REFLETIR

1. Você consegue "ver" a mão de Deus na redação e na coleção dos livros do Novo Testamento?
2. O que a Igreja pode fazer hoje para "valorizar" este trabalho de redigir e coleccionar os livros que durou tantos anos?
3. Hoje existem "outros fundamentos" que são lançados na igreja. Relacione com a classe alguns.



Ap 3.14-22

segunda-feira
Pv 28.1-28

terça-feira
Mt 25.14-30

quarta-feira
Lc 16.1-13

quinta-feira
Sl 12

sexta-feira
Gl 5.13-22

sábado
Ap 17.8-18

domingo
Sl 31

10

Muitas pessoas iniciam sua leitura no livro do Apocalipse e logo argumentam: "Eu não estou conseguindo entender nada desse livro" ou "Esses assuntos me amedrontam...". Outros ainda, nem abrem esse livro porque algumas pessoas disseram isso ou aquilo; no entanto, a linguagem apocalíptica, bem como seus assuntos nos fascinam e muito nos encorajam a viver.

A linguagem utilizada nesse livro escrito por João é bem diferente do gênero convencional, é rica em visões, símbolos e, como o próprio nome do livro sugere, uma verdadeira "Revelação" (apo-calipso=desvelar). Sua história e narrativas, bem exemplificadas por Carlos Mesters, é um verdadeiro "salto à distância": o atleta recua, corre e salta. "O autor sai do presente, volta ao passado, vem e se lança para o futuro"; assim, o Deus que é o Senhor da história é revelado e os seus desígnios são desvelados.

Algo que fica evidente em todo o livro, é a perseguição romana como pano de fundo na formação e execução dessas revelações. As afrontas, torturas e lutas que o cristianismo nascente enfrentou são muito evidentes (Ap 2.3; 2.10). Porém, em meio a Nero, Domiciano e outros cruéis imperadores e cruéis massacres, existia a grande promessa: "...dar-te-ei a coroa da vida... Vi novo Céu e nova terra..." (Ap 21.1-8). Apesar de tudo o que os cristãos passaram, o Senhor se manteve fiel e a esperança não se findava (leia Ap 3.11).

Pensando nos capítulos 2 e 3, podemos observar cartas destinadas a sete comunidades. Algumas, como Éfeso e Esmirna, estavam passando por aflições e lutas e receberam uma palavra de ânimo juntamente com elogios (leia Ap 2.2;

2.9). Outras, como Pérgamo e Tiatira, foram exortadas e elogiadas por sua fidelidade (leia Ap 2.13; 2.19). Já Sardes e Filadélfia, tinham boa fama e a última era considerada uma comunidade modelo. A última, Laodicéia, não tinha nenhum ponto positivo! É interessante notarmos que todas as outras tiveram elogios, umas mais e outras menos; porém Laodicéia, recebeu a maior exortação, por quê?

LAODICÉIA

Era uma cidade da atual Turquia, um centro importante. Rica em confecções, bancos e com uma escola de medicina muito famosa. Tinha uma larga produção de colírios (não é à toa que no verso 18 existe a expressão “unge teus olhos com colírio para que vejas”). Havia ainda sua estância termal e sua fama era de rica e abastada (Ap 3.17).

Tinha nome de igreja, rosto de igreja, cor de igreja, portais de igreja; porém, Jesus estava do lado de fora. Isso fica bem claro no verso 20: “Eis que eu estou à porta e bato; se alguém ouvir a minha voz, e abrir a porta, eu entrarei...” Segundo o Apóstolo Paulo, em Rm 12. 5 e 1Co 12. 27, a igreja é chamada de Corpo de Cristo e nós somos chamados de a igreja de Cristo. Que tipo de igreja temos sido?

Quando nós oramos, a igreja de Cristo está orando. Quando nós estamos nos dispondo para o serviço cristão, a igreja de Cristo está fazendo isso. E o inverso disso tudo é uma dura realidade, ou seja: Quando eu não oro, a igreja de Cristo não está orando.

Um ponto a se pensar dessa comunidade, é que ela era uma “quase-igreja”. Lembremos aqui um dos sermões de João Wesley e dele mencionamos: “O quase-cristão tem uma vida honesta, boas regras, boa aparência, ele assiste ao necessário, tem uma religiosidade de boas cores, zela sua linguagem e os bons costumes, tem um exterior lindo, polido e bem visto; contudo, tem dentro de si um coração despido de sinceridade e do desejo de agradar a Deus”. Um quase-cristão seria o fariseu de Lc 18.9-14. Uma comunidade “quase-cristã” tinha um nome: Laodicéia.

Mas tudo isso é ponto final? Graças a Deus que não, pois a mesma Palavra que disciplina (Ap 3. 19) é a mesma Palavra que afaga e chama ao arrependimento (Ap 3.20) e a alegria da eternidade (Ap 3.21).

NÃO EXISTE RESSURREIÇÃO SEM MORTE

Um outro ponto bem presente em todo o livro do Apocalipse é a realidade nua e crua das palavras de Jesus: “No mundo tereis aflições...” (Jo 16.33). As aflições e lutas sempre estiveram e sempre existirão nesse mundo. Estiveram presentes no ministério de Jesus, não aliviaram a Igreja Primitiva, continuaram na igreja da reforma e, em nossos dias assumem seus papéis: é desemprego, é desonestidade, é opressão, é tentação, é provação; é aquilo que Jesus bem definiu: “aflições”. Porém, a aflição é ponto final? Graças a Deus que não, pois o verso 33 do capítulo 16, termina dizendo: “...mas tende bom ânimo, eu (Jesus) venci o mundo”. Que maravilha, Jesus venceu o mundo, o diabo, as forças da morte... Ele venceu tudo e, com ele, mesmo em meio às aflições, podemos ter a certeza da “coroa da vida” que nos aguarda.

2. Por causa das suas prisões. Alguns entendiam que as prisões de Paulo estavam prejudicando a pregação do Evangelho. Paulo reluta dizendo que até as guardas pretorianas estavam se convertendo.

3. Paulo enfatizava a cruz de Cristo. Seu evangelho era a cruz. Na época a tendência era valorizar a lei, pois a influência dos chamados judaizantes era grande. Paulo não aceitou esta interferência e por isso foi acusado de ser um falso apóstolo.

Por que Paulo enfatizava a cruz na sua pregação?

Havia duas tendências na Igreja da época que eram fontes de preocupação para os cristãos. Paulo percebeu isto.

1) A tendência dos gregos era valorizar a sabedoria. Para

QUESTÕES PARA REFLETIR

1. Que tipo de igreja temos sido?
2. Que tipo de igreja tenho sido?
3. Será que sou um quase-cristão?
4. Como temos encarado as aflições?

Paulo e a Mensagem da Cruz



1 Co 1.18-26

segunda-feira
Gl 6.12-14

terça-feira
Ef 2.13-17

quarta-feira
Fp 3.17-19

quinta-feira
Cl 1.20-23

sexta-feira
Cl 2.14-15

sábado
Mt 16.24-25

domingo
Lc 14.27

11

INTRODUÇÃO

Paulo estava sendo rejeitado por alguns líderes da Igreja da época por três motivos:

1. Porque trabalhava para sustentar-se e não dependia das Igrejas. Alguns viam nisto uma desobediência aos ensinamentos de Cristo. Alguns achavam que Paulo não compreendia bem o ensino de Jesus, pois não o conheceu pessoalmente.
2. Por causa das suas prisões. Alguns entendiam que as prisões de Paulo estavam prejudicando a pregação do Evangelho. Paulo refuta dizendo que até os guardas pretorianos estavam se convertendo.
3. Paulo enfatizava a cruz de Cristo. Seu evangelho era o da cruz. Na época a tendência era valorizar a lei, pois a influência dos chamados judeizantes era grande. Paulo não aceitou esta interferência e por isso foi acusado de ser um falso apóstolo.

Por que Paulo enfatizava a cruz na sua pregação?

Havia duas tendências na Igreja da época que eram tendências prejudiciais para os cristãos. Paulo percebeu isto.

1ª) A tendência dos gregos era valorizar a sabedoria. Para os gentios de Corinto a sabedoria estava no domínio das filosofias, das artes, das poesias e da retórica grega. Porque eram sábios não trabalhavam com as mãos: trabalhar com as mãos é sinal de humilhação; é para aqueles que nada são. Tinha sabedoria quem frequentava as escolas filosóficas do mundo greco-romano. Os gregos tinham sonhos de onipotência e de grandeza. Eles queriam descobrir todos os mistérios da vida. Mas esta sabedoria não os levava a Deus.

2ª) A tendência dos judeus era a busca por sinais, em primeiro lugar. Queriam ver grandes sinais para identificar a presença de Deus. Aguardavam um messias vitorioso e valente. Em segundo lugar estava a sabedoria. Para os judeus sabedoria é o conhecimento e prática da lei judaica. Era a capacidade de aprender e ensinar a lei – capacidade dos mestres (rabinos) de Israel. Era sábio quem freqüentava as escolas rabínicas ou tinha um mestre como seu professor. Paulo foi discípulo de um dos mais famosos sábios de Israel: Gamaliel.

Paulo mostrou que o Plano de Salvação era sabedoria e sinal de Deus. Mas tanto gregos como judeus não conseguiram enxergar na cruz de Cristo isto, pois simbolizava:

- Para os judeus – impotência e maldição
- Para os gregos – pena capital dos escravos e castigo para os escravos

Como podia Paulo falar de sabedoria e sinal usando uma figura que falava de derrota e fraqueza?

Pois é exatamente aqui que está a resposta: o caminho da glória, da fama, do poder, se confunde com o da cruz. Judeus e gregos que buscavam outras evidências não conseguiram ver isto, apenas aqueles que passaram pela experiência de passar pela cruz puderam entender.

Paulo soube entender a mensagem da cruz. Ele descobriu que não podia falar da vida na sua plenitude sem falar da cruz. No texto que nós lemos ele declara o significado da cruz para os cristãos.

Significado da cruz para os discípulos de Jesus

1. Paulo foi buscar esta sua mensagem nas palavras e ensino de Jesus, pois ele ensinou a seus discípulos o valor da cruz:

- a. Mc 8.34-37 – renúncia – aceitar sacrifícios
- b. Mc 9.33-37 – humildade – como uma criança
- c. Mc 10.41-45 – serviço – avental e toalha

2. Portanto, a cruz demonstra que os maiores valores do cristianismo são as coisas pequenas e desprezadas pelos homens. A cruz demonstra o poder e a sabedoria de Deus, capaz de unir os povos, pois não há judeus nem gregos, pobres nem ricos, brancos nem negros, homem nem mulher, todos são um em Cristo Jesus.

3. Paulo aceitou os sofrimentos que surgiram para sua vida: naufrágios, açoites, assaltos, bem como o trabalho manual, como evidências da cruz na sua vida. Paulo viu na sua experiência uma identificação com os sofrimentos de Cristo.

CONCLUSÃO

Podemos dizer que hoje estas duas tendências ainda estão presentes:

1. Há aqueles que buscam prestígio, poder e sabedoria. Se a experiência de conversão não lhes dá estas coisas, escandalizam-se. Andam correndo atrás de glória e de sabedoria humana.
2. Há aqueles que aguardam sinais. Se eles não acontecerem é porque Deus não está presente.

Enganam-se estes, pois a sabedoria e o sinal estão na cruz de Cristo. Portanto Paulo é um apóstolo de Cristo genuíno. Sua genuinidade está no fato de ter experimentado e aceitado a experiência de morrer com Cristo na cruz e estar preparado para a humildade, para o serviço, para a incompreensão, etc.

QUESTÕES PARA REFLETIR

1. Por que a pregação da cruz é importante para o testemunho da igreja?
2. Em que sentido a cruz é derrota?
3. Em que sentido a cruz é vitória?

O Fechamento do Cânon



1 Co 15.1-5

segunda-feira
Hb 1.1-4

terça-feira
Mt 5.1-48

quarta-feira
Cl 2.6-23

quinta-feira
2 Pe 1.1-20

sexta-feira
2 Pe 1.1-22

sábado
2 Pe 3.1-10

domingo
2 Pe 3.11-18

12

O INÍCIO DA FORMAÇÃO DO CÂNON

A começar das comunidades cristãs primitivas, iniciou-se um processo de conceituar o que seriam “as Escrituras”. O significado é encontrado já nos escritos paulinos (1 Co 15.3-5), numa clara dependência do conceito judaico. Assim, a Bíblia Cristã era a Bíblia Judaica. Um exemplo mais flagrante se encontra no diálogo de Jesus com os discípulos de Emaús, conforme relata Lc 24.27. Ali Jesus chama a atenção deles para o que a seu respeito (Messias), constava em... com Moisés (a Lei),... por todos os profetas (os livros proféticos),... em todas as Escrituras (os escritos históricos e sapienciais). Assim, Lucas, à semelhança do que Paulo já fizera, utilizava o Antigo Testamento como livro inspirado e como regra (cânon) de fé e prática. O apóstolo João dá testemunho do caráter de fundamento, e da aliança existente entre o Antigo e Novo Testamento: “Porque a lei foi dada por intermédio de Moisés; a graça e a verdade vieram por meio de Jesus Cristo” (Jo 1.17). Ambas alianças têm a sua Escritura Sagrada; a Antiga: a Lei, os Profetas e os Escritos; e a Nova: o Evangelho (Gl 1.6-7), e os escritos ou testemunho dos Apóstolos (Lc 1.1-4; Hb 1.1-4; 2Pe 3.14-16).

O DESENVOLVIMENTO DO PRINCÍPIO CANÔNICO

a) A centralidade de Cristo e do Evangelho

O princípio que as Escrituras são cristocêntricas, celebrada pelos reformadores foi, acima de tudo, um princípio de autoridade em matéria de fé, para toda a comunidade cristã primitiva. A carta de Paulo aos Romanos, escrita em torno de 56 d.C., enfatiza com clareza: “... o qual Deus outrora prometeu por intermédio dos profetas nas Sagradas Escrituras” (Rm 1.2); ou ainda: “... a lei nos serviu de aio para nos conduzir a

Cristo,...” (Gl 3.24). Assim, toda a Escritura é vista a partir de Cristo e sua “boa nova — Evangelho”. Deste modo, os esforços dos Apóstolos e da comunidade cristã primitiva são na direção de usar o Evangelho como uma chave para abrir o entendimento do Antigo Testamento, exemplo disto são as boas expressões do Sermão do Monte em Mateus, onde a expressão: “ouvistes o que foi dito aos antigos ... eu porém, vos digo...” (Mt 5.21-22; 27-28; 31-32; 33-34).

Por outro lado, nos demais escritos do Novo Testamento fica claro o princípio de autoridade canônica que as “palavras do Senhor”, passaram a ter, por exemplo: “... ainda vos declaramos, por palavra do Senhor, isto...” (1Ts 4.15). Ou mesmo, na questão do matrimônio: “... ora aos casados ordeno, não eu mas o Senhor, que a mulher não se separe do marido ...” (1Co 7.10). (Concluindo esta linha de comprovação a própria ceia segue a Palavra do Senhor conforme 1Co 9.14). Nesta direção, muitos outros textos poderiam ser elencados, mas em todos fica claro que o cânon começa com as palavras de Jesus, o Senhor.

b) O princípio apostólico para canonicidade

O segundo elemento que a comunidade cristã primitiva estabeleceu para a canonicidade, foi o de reconhecer nos Apóstolos os depositários da fé, da tradição e do ensino de Jesus. Por isso, podemos entender a ênfase de Paulo em defender sua condição de Apóstolo: “... Pois as credenciais do apostolado foram apresentadas no meio de vós...” (2Co 12.12).

Tal argumento da autoridade apostólica pode ser vista no prólogo do Evangelho de Lucas, onde o testemunho dos apóstolos é invocado como base de autoridade para o seu Evangelho (Lc 1.1-4). Assim, depois da Palavra do Senhor, as palavras dos Apóstolos passam a ser reconhecidas como Escritura inspirada e base de fé. Assim as cartas do apóstolo circulavam de uma comunidade para outra (Cl 4.16). Nos diferentes círculos se colecionou então escritos dos Apóstolos no intento de fundamentar e orientar a fé e prática da Igreja.

A DISCUSSÃO DO CÂNON DO SÉCULO II EM DIANTE

A começar com Irineu, presbítero procedente da Ásia Menor, que escreveu no II século da Era Cristã, já encontramos uma alusão ao conjunto de quatro evangelhos, quando ele compara às figuras de animais de Ez 1.10 e do Ap 4.7 aos quatro evangelhos. Isso, para os estudiosos do cânon, já aponta uma primeira coleção, que aglutinava os quatro evangelhos. Ao mesmo tempo, ele atribuiu autoridade de escritura inspirada aos Atos dos Apóstolos e às cartas de Paulo, com exceção de Filemon.

Tertuliano, outro líder da Igreja, que viveu no século II depois de Cristo., afirmava que os livros inspirados da Igreja, considerados canônicos, eram 22, a saber: os quatro evangelhos; 13 cartas de Paulo, I Pedro, I João, Judas e Apocalipse.

Estes dois testemunhos mostram as primeiras formulações do cânon do Novo Testamento, tudo numa tentativa de estabelecer o ensino e fundamento básico para a fé da Igreja.

O cânon Muratoriano é a mais importante testemunha a respeito do cânon do Novo Testamento, em torno do ano 200 d.C. O escrito, assim denominado pelo bibliotecário milânês que o descobriu em 1740, remonta ao final do século II depois de Cristo e apresenta uma relação de livros considerados canônicos pela comunidade de Roma. O texto preservado principia com as últimas palavras acerca do evangelho de Marcos. A parte inicial do documento, a qual incluía Mateus e os comentários iniciais a Marcos, foi perdida.

O documento contém, além da lista de escritos considerados canônicos, informações sobre o surgimento de cada escrito e o conteúdo de cada um deles. O evangelho de João é expressamente atribuído ao apóstolo João. Quanto a Marcos e Lucas, estes são atribuídos aos seguidores dos apóstolos. Deste modo, Marcos seria um discípulo de Pedro que registrou sua memória e Lucas um companheiro de viagem de Paulo.

Esse cânon apresenta uma ordem de escritos. Ele principia com os evangelhos, depois aparece o livro de Atos dos Apóstolos, seguido de 13 cartas Paulinas (1 e 2 Coríntios; Efésios, Filipenses, Colossenses, 1 e 2 Tessalonicenses e Romanos) dirigidas a sete comunidades, estabelecendo um paralelo com as sete cartas do Apocalipse 2 e 3. Depois dessas cartas às comunidades, são mencionadas as cartas a Filemon, Tito, 1 e 2 Timóteo.

Concluindo, foi nos séculos III e IV depois de Cristo que se conseguiu alcançar um consenso na Igreja Latina sobre o atual cânon, concordando com o mesmo cânon definido pela Igreja Grega. Assim, foi nos sínodos (de 393 d.C. em Hipona e 397 d.C. em Cártago) que se chegou ao cânon que temos.

QUESTÕES PARA REFLETIR

1. Quais as razões para a Igreja Primitiva ter um cânon?
2. Qual é o ensino central que deu origem à formação do cânon?
3. Analisar as razões dos diferentes cânones do Novo Testamento.

Nesta revista você irá
conhecer o pano de fundo
que preparou o
Cristianismo, as pessoas
que deram suas vidas pelo
movimento de Jesus e
como foram escritos os
livros do Novo Testamento.